



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA SARA DA ROCHA BARBOSA

**A escolarização e as atividades “cristalizadas” de arte dos estudantes de Pedagogia da
Universidade Federal do Ceará: as angústias relatadas na atividade “linha do tempo”.**

FORTALEZA-CE

2014

MARIA SARA DA ROCHA BARBOSA

A escolarização e as atividades “cristalizadas” de arte dos estudantes de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará: as angústias relatadas na atividade “linha do tempo”.

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciadaem Pedagogia.

Orientador (a): Prof^a. Dr^aBernadete de Souza Porto

FORTALEZA-CE

2014

MARIA SARA DA ROCHA BARBOSA

A escolarização e as atividades “cristalizadas” de arte dos estudantes de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará: as angústias relatadas na atividade “linha do tempo”.

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^aBernadete de Souza Porto (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^aCristina Façanha Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ms. Alexandre
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Deus, criador e mentor da minha vida,
Aos meus pais Aldenor Barbosa e
Antonia da Rocha, que sempre me
apoiaram e não mediram esforços para
que eu pudesse realizar mais um sonho.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por seu amor incondicional por mim aome criar e me iluminar em cada passo da minha vida;

À minha mãe Antonia da Rocha Barbosa, pela criação, pelo zelo, pelo amor incondicional, pela compreensão, pelo apoio financeiro suado durante toda a minha formação acadêmica;

Ao meu pai Aldenor Barbosa dos Santos por dar a vida por mim, pelos meus estudos, pelo fornecimento daquilo que precisava, pela presença forte em minha vida;

Aos meus irmãos e irmãs, Eveline da Rocha Barbosa, Letícia da Rocha Barbosa, Aristides da Rocha Barbosa e Fernando da Rocha Barbosa pelos momentos felizes em família, por compartilhar sorrisos e por me fazer muito feliz e por compreender as horas em que fiquei ausente por conta da vida acadêmica;

À minha linda sobrinha Júlia (Juju) por me tirar do quarto pra pintar, dançar fazendo com que eu não me fechasse somente nos meus interesses, mas que voltasse a ser criança.

À minha vó Dica (*in memorian*) por não ter visto a conclusão desse trabalho, partiu para junto de Deus. Agradeço pela doação e pela abertura à vida e por fazer parte dos melhores dias na minha infância;

Ao meu vizinho Antonio (*in memorian*), apesar de não tê-lo conhecido, pelos ensinamentos e referência de pessoa;

À minha prima, Babi, pela companhia, pelos cafés e pela vida tão cara;

À minha querida e mais linda professora, orientadora (1) e amiga Luciane Goldberg, que foi minha mestra e me iniciou no mundo da arte. Sou muito grata por tudo! Pelos cursos de arte, pelas partilhas de vida, pelos livros, pelos cafezinhos, pelas caronas, pelo K-olho, pelas risadas... Se não fosse por ela, não teria adentrado no mundo da arte e tão pouco teria realizado esse trabalho. Obrigada, mulher das cores!

À minha orientadora (2) Bernadete Porto, obrigada por receber esse trabalho, pela confiança, pelo açaí, por ter sempre um olhar lúdico (por isso, feliz!) sobre as coisas, pela sua sala, pelos conhecimentos para a realização deste trabalho, linda!;

Ao meu melhor amigo Rômulo, pelo carinho, sensibilidade, companheirismo e compreensão. Pelo acolhimento dos meus choros e sorrisos. Pelos momentos de gargalhadas e os difíceis. Pela arte compartilhada e pelas grandes contribuições não só acadêmica, mas de vida;

À Jaminny, por ser a melhor dupla no estágio e por segurar as pontas no que fosse preciso, muito abrigada!;

Às minhas amigas Nara, Gabriella (Gabi) e Virginia por serem tão companheiras, tornando meus dias mais felizes na FACED;

Ao meu amigo Zé, pela companhia, pela palha italiana compartilhada (esperando a canjica prometida) e por ser meu câmera-man, obrigada pela ajuda!

À minha amiga Nágila, pelo companheirismo, pelo ombro amigo, pelos chocolates e por sua casa, refúgio para a produção desse trabalho, amo!;

Às amigas Letícia e Michele, por me aturarem, pela paciência e oração nas horas de precisão. Presentes de Deus, amo-as!;

À professora Cristina por ser tão sensível à arte, terei a honra de tê-la na minha banca que avaliará este trabalho; Ao professor Alexandre, por aceitar participar da banca e pelas valiosas contribuições científicas;

Aos estudantes da disciplina Arte-Educação que foram as fontes das informações;

Ao Multimeios por me proporcionar experiências significativas nos assentamentos e no aprendizado nas novas tecnologias;

Aos meus amigos, Rômulo, Carol e Louise monitores da disciplina de Arte e educação que tornaram mais linda e colorida a vida acadêmica.

À equipe do PIBID de educação inclusiva, por me fornecer ricas experiências humanas com as crianças e aos amigos bolsistas Ana, Manu, Nathalia, Hélio e Glesi por serem parceiros nas aprendizagens e uma grande gratidão a Marlúcia, pela paciência, persistência. Para mim, é um modelo de professora.

À minha turma da graduação 2010.2 pelos conhecimentos partilhados ao longo da Graduação, principalmente: Nádia, Talita, Elisângela (Eli), Elenilda por serem as amigas mais próximas e as mais companheira, apesar das distancias;

Aos(as) professores(as), Luciane Goldberg, Bernadete Porto, Maria José Albuquerque, Cristina Façanha, Tânia Viana, Justino, Sérvulo, Rozimar Machado, Silvia Helena, Hermínio Borges, Adriana Limaverde que imprimiram suas marcas em minha formação;
E a todos, que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização deste trabalho.
Muito obrigada!

É interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de professor. Para isso, como aluno hoje que sonha em ensinar amanhã ou como aluno que já ensina hoje, devo ter como objeto de minha curiosidade as experiências com professores vários e as minhas próprias se as tenho, com meus alunos.

(Freire, 1997.90)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar as atividades escolares em arte a partir das narrativas de vida dos estudantes de pedagogia da Universidade Federal do Ceará, compartilhadas na atividade Linha do tempo– metodologia criada e desenvolvida pela Prof. Luciane Goldberg, na disciplina de Arte e Educação, nos semestres 2013.1 e 2013.2 semestres os quais acompanhei a disciplina no papel de monitora, há objetivo de identificar as precariedades dessas experiências formativas e problematizar o ensino de arte na escola no Ceará e, em consequência no Brasil. Desta forma, foram realizadas análises das apresentações dos estudantes acerca de suas vivências e experiências com arte desde a infância, a inserção da arte escolar até os dias atuais, expressos através de suas narrativas (auto)biográficas. Neste trabalho, adotamos o método do Estudo de Caso Minayo (2004), tendo em vista a especificidade do objeto de pesquisa, a aplicação de uma metodologia específica em um contexto único. Os instrumentos de pesquisa consistiram em: levantamento bibliográfico; análise documental e análise das apresentações realizadas pelos estudantes, destacando o uso em (vídeos, fotografias, apresentações power point.). A pesquisa foi fundamentada com base no referencial teórico, apoiados nas contribuições de Goldeberg (2012). Quanto à Arte-Educação legitimamos como suporte teórico os pressupostos de Barbosa (2009), Duarte Júnior (1991), Ferraz e Fusari (1993), e Silva & Araújo (2007). Especificamente sobre a atividade Linha do Tempo, Goldberg, Olinda e Bezerra (2012). A pesquisa faz-se relevante porque traz a discussão do ensino de arte que toda uma geração de estudantes obteve, oportunizando e uma reflexão que perpassa o reconhecimento da importância e função da arte na educação, além da análise dos percalços que nos acompanham até aqui. Os resultados encontrados mostram que: (i) a atividade Linha do Tempo possibilita um diagnóstico quanto ao ensino de arte à medida que encontramos nas narrativas dos estudantes elementos caracterizadores desse ensino, sob a perspectiva da escola, família e instituições religiosas; (ii) identificamos as concepções e metodologias que norteiam as práticas desse ensino; (iii) a utilização da metodologia da atividade Linha do tempo possibilita ao estudante perceber-se dentro do Histórico do Ensino de Arte e a decisão pela ruptura com concepções engessadas e massificadas, sem sentido, projetando assim, ações pedagógicas de reconhecimento da arte enquanto conhecimento; (iv) a atividade da Linha do Tempo traz realidades e faz uma identificação dos conceitos atribuídos à arte e sensibiliza o estudante em repensar que profissional pode ser e que tipo de ensino pode propor para seus futuros alunos.

Palavras – chave: Linha do Tempo. Metodologias do Ensino de Arte, Narrativas de Vida.

LISTA DE SIGLAS

CE:Ceará

CONFAEB:Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasi

FACED:Faculdade de Educação

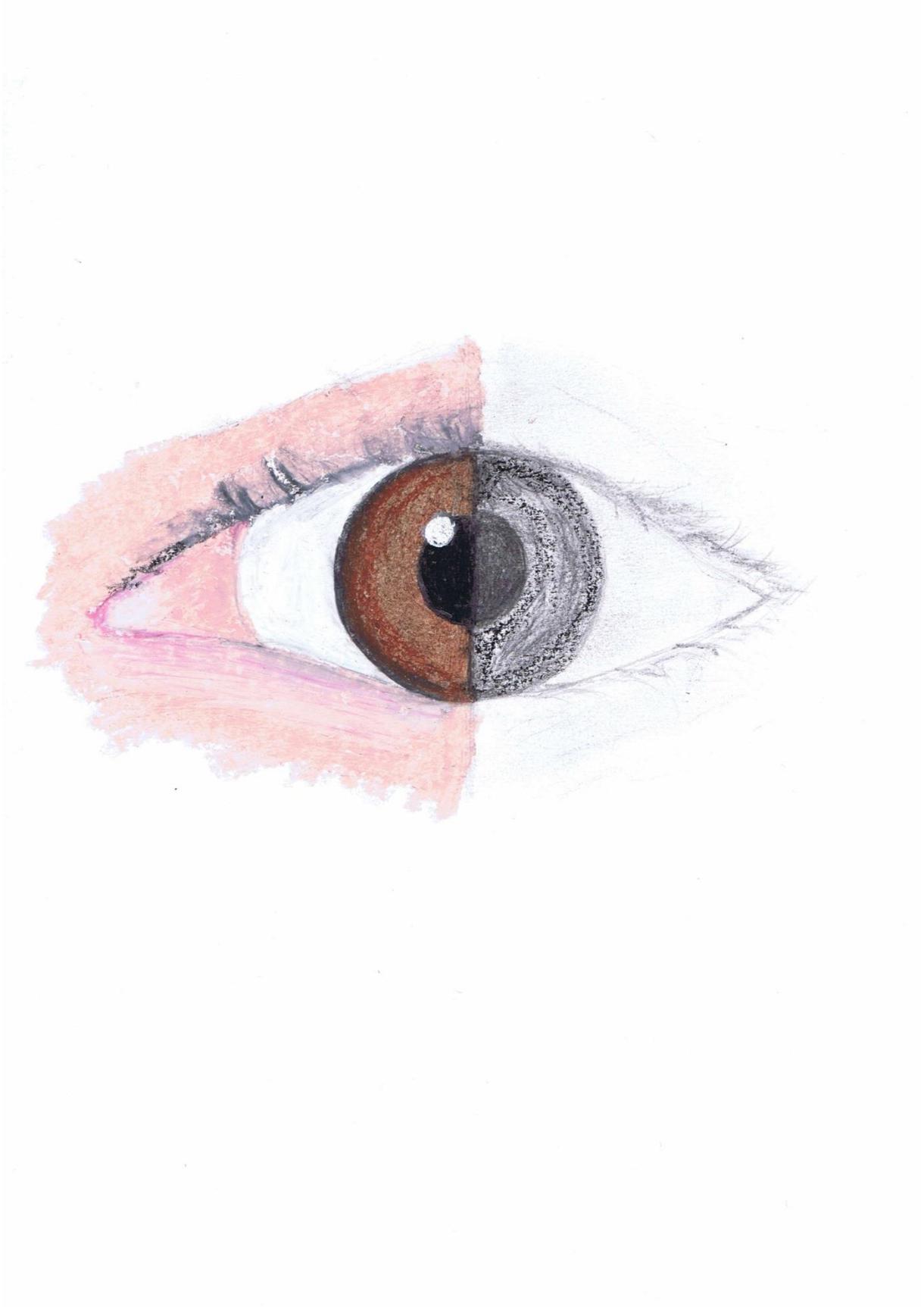
ONG: Organizações Não-Governamentais

PID:Programa de Iniciação à Docência

UFC:Universidade Federal do Ceará

Sumário:

1. Introdução	pag 13
1.1. Por que pesquisar sobre o ensino de arte?.....	pag 13
1.2. Objetivo geral e específicos.....	pag 21
1.3. Abordagem Metodológica e Procedimentos de Pesquisa.....	pag 22
2. Linha do tempo do histórico ensino de arte.....	pag 26
2.1. O que seria então a Arte?.....	pag 26
2.2 A importância da arte e educação.....	pag 28
2.3 A história do ensino de arte no Brasil.....	pag 30
2.3.1 Tendência pré-modernista.....	pag 31
2.3.2 Tendência Modernista.....	pag 33
2.3.3 Tendência Pós-Modernista.....	pag 37
3. A atividade da linha do tempo.....	pag 42
3.1 O que é a atividade denominada como Linha do Tempo?.....	pag 42
3.2 Análise geral da linha do tempo.....	pag 44
4. A linha do tempo e as narrativas: turmas escolhidas para a pesquisa.....	pag 52
4.1 As apresentações a serem analisadas a 2013.1 e 2013.2.....	pag 52
4.2 Curso diurno, turma 2013.1.....	pag 53
4.3 Curso noturno, turma 2013.2.....	pag 53
4.4 Décadas dos estudantes de pedagogia 2013.1 e 2013.2.....	pag 53
5. Análise e discussão dos dados.....	pag 55
5.1. Reflexão sobre ou leitura dos dados obtidos.....	pag 55
5.2. As análises das atividades de arte da micro linha do tempo dos estudantes de pedagogia UFC com a macro Linha do Tempo da História do Ensino da Arte no Brasil.....	pag 61
6. Considerações finais.....	pag 64
7. Referências.....	pag 67
8. Apêndices.....	pag 80



1. INTRODUÇÃO:

1.1. Por que pesquisar sobre o ensino de arte?

Quando penso na minha infância e, fazendo uma busca na minha história, percebo o quanto gostava e me interessava pela arte. Seja pela música, pelos filmes... mas principalmente pelo desenho. Admirava quem sabia desenhar “perfeitamente”. Meu irmão mais velho sabia manusear o lápis como ninguém, desenhava qualquer coisa que quisesse e isso para mim se tornou meu maior desejo. Desde que “desenhar bem” se tornou minha vontade, passei a desenhar de tudo, a Turma da Mônica, desenhos animados... queria, a todo custo, aprender a desenhar, e como meu irmão não queria me ensinar, eu tinha que aprender sozinha mesmo. Minha família não tinha condições financeiras para poder pagar um curso de arte, pois na verdade meus pais tiveram uma vida difícil, sempre apresentavam poucas condições financeiras, uma baixa escolaridade. No teatro e na dança pouco ou quase nada tiveram acesso. Na música, admiravam as melodias de cantores de sua época nas rádios, mas nunca aprenderam a tocar instrumentos ou foram a espetáculos musicais. Como consequência, vêm nas artes visuais perda de tempo, talvez por que também nunca lhes foi oferecido acesso. Desta forma, nunca tive apoio ou influência artística na minha família, nem por parte de pai ou de mãe. Pouco ou quase nada de influencia artística dentro de casa. Mas mesmo sem tal influência família sempre tive interesse pela arte e não sei exatamente o porquê.

O mesmo aconteceu na escola: descaso e nenhuma vivência artística. Passei por quatro escolas por toda a minha vida, dos jardins de infância até o ensino médio. Estudei numa escola particular (Os Jardins de infância) e todas as outras foram escolas públicas, perto de casa. E dessas escolas pouco ou quase nada posso tirar de aprendizagens sobre a arte.

A minha memória falha quando tento lembrar das minhas experiências artísticas escolares. Os episódios lembrados são aqueles vividos por quase toda criança, atividades estas que são sem sentido, como os desenhos prontos, os desenhos dos dias festivos, os desenhos nas capas de provas, entre outros. E, mesmo pintando aqueles desenhos prontos nas capas de provas, isso pra mim era maravilhoso, por que pegar num lápis de cor e poder colorir e não só fazer cópias do nome, ou aquelas tarefas chatas ou escrever, ou ler textos “infantilizados”, já era um mínimo de prazer que eu tinha nas aulas.

A escola em que fiz o antigo “Jardim de Infância”, e como todas as outras escolinhas se festejavam muito as datas comemorativas. Lembro-me de um fato, o dia do índio em meados do ano de 1995, nesse dia as professoras nos obrigaram a levar roupa de banho para

nos vestir de índios. Todos os alunos foram obrigados a sair vestidos minimamente e pintados de índios pelo bairro. Eu não fui de índia, mesmo com as ameaças da professora, fui firme (apesar de criança) e não quis sair pelo bairro vestida daquela forma, que era para mim, mesmo sem entender, constrangedor. Fui andar pelo bairro (vestida), por que era obrigatório. Isso era uma atividade "lúdica artística" da escola, que odiava, do qual me lembro até hoje, com muita chateação e frustração.

Também nesta época passei pela situação de, nas atividades de modelagem, geralmente brincar somente com um bolinho de massinha na mão, que não dava pra fazer nenhum objeto do tamanho que eu queria, pois era pequeno demais, já que cabia na palma da mão e dava pra fechá-la. Além do que, as massinhas já estavam desgastadas e misturadas com outras.

Na educação infantil passei por essas "atividades artísticas", que considero hoje sem sentido, e acredito que a maioria das outras crianças passou e passa ainda hoje por estas experiências também. Por isso, meu interesse de pesquisar os "por quês" de não ter sido beneficiada por essa educação artística, por não ter tido acesso à arte como algo prazeroso, a ponto de não me lembrar de quase nada de positivo dessa primeira fase escolar. Se a escola era particular, por que não oferecia uma educação com mais qualidade, afinal de contas meus pais não estavam pagando? Por que eu tenho lembranças tão ruins e nenhuma lembrança boa? Por que a escola me deixou marcas para vida toda? Eu tive marcas negativas na educação infantil, como poderei estar agora no outro lado, como docente dessa área? Essas indagações me impulsionaram a pesquisar a arte escolar e as suas problemáticas, o que aconteceu e o que não aconteceu, e os seus fracassos. A culpa não é da "arte em si", mas de quem a monopoliza, do sistema educacional, das instituições escolares, da ineficiência dos cursos de formação de professores, dos preconceitos contra a arte, da sociedade que a renega.

Na fase de transição da infância para a adolescência, na 8ª série, eu pensei em tentar vestibular para artes plásticas, pois achava o máximo fazer um curso que ensinasse a desenhar. Eu não tinha a menor técnica do desenho, mas me interessava por desenhar, me empenhava, desenhava quase todos os dias. Desenhava o que viesse à cabeça e talvez tivesse mais imaginação que hoje. Gostava de fazer paisagens, personagens da Disney, pessoas, atores. Desenhava do meu jeito, sem ajuda de revistas ou cursos, mas tudo isso partia da minha vontade. E tudo isso começou por que meu irmão mais velho sabia fazer retratos de um modo perfeito das coisas, pessoas. O que ele desenhava eu admirava. E desejava saber desenhar como ele. Na escola, ouvi algum professor que comentou comigo sobre um "curso de faculdade", um curso que estudava e ensinava a desenhar. Certo dia, pensei em perguntar

ao mesmo irmão, que eu admirava por seus desenhos, o que ele pensava sobre eu tentar vestibular para artes plásticas, pensando que seria compreendida, e ouviria dele que seria muito bom, que aprenderia muito. Para a minha surpresa, meu irmão foi totalmente negativo com relação a minha pergunta. A resposta dele foi: “O quê? Você quer fazer artes plásticas? Você quer morrer de fome? Quer vender quadro na Beira mar? Quer ser pobre a vida toda?” essa resposta me frustrou de uma forma tão profunda que parei totalmente de desenhar. A vontade de estudar e entrar numa universidade nessa área também se foi.

Depois desse episódio, sentia-me incapaz de fazer um desenho. Minha auto estima baixou e não mais sentia o desejo de fazer vestibular para outros cursos. Já para a escola por que era obrigada, mas nunca gostava do ambiente escolar. Ele me passava algo vazio, solidão e tristeza. A escola pra mim não tinha muito valor, pois não encontrava nada nela que despertasse meu interesse. Já no Ensino Médio, gostava de biologia, um pouco do conhecimento científico, mas gostava ainda mais de desenhar os animais, as células, as flores, os organismos, o corpo humano... isso para mim era melhor que todas as outras matérias juntas, mas ficava restrito somente àquele momento de desenho nestas aulas. Odiava a matemática, mas adorava desenhar as formas geométricas, os gráficos. No desenho, eu fugia das pressões da escola e fazia algo que gostava realmente.

Quando ingressei na Universidade, no curso de Pedagogia, penso, que “caí de pára-quedas”, pois nunca imaginei estudar a Educação, a instituição escolar, o professor, o aluno... Escolhi o curso como um sorteio, queria um curso na área de humanas, que pudesse estudar pessoas, contextos históricos. Não imaginei que um dia passaria no vestibular e que ingressaria na Universidade Federal do Ceará- UFC. Para a surpresa da minha família, que não esperava que conseguisse passar na primeira tentativa e conseguisse passar nas duas fases do vestibular, consegui fazer com que, pela primeira vez, fosse olhada com bons olhos. Em Janeiro de 2010, me matriculei no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará - UFC. Nos primeiros semestres não sabia direito o que fazer, me sentia perdida, pois o mundo universitário era muito diferente do escolar. Mesmo estando na universidade (algo que parecia inalcançável) eu ainda não tinha encontrado sentido naquilo que estava fazendo. No terceiro semestre fiz a disciplina de Arte e Educação, e pela primeira vez podia dizer que teria encontrado algo de que gostava e que me interessava.

Lembro-me que a forma simples de ser e a juventude da professora de Arte e Educação fez com que eu olhasse o conhecimento e a Universidade com outro olhar, por que me sentia mais livre para falar ou interagir, (coisas que não gostava e que era podado na escola). Lembro-me que havia discussões na disciplina sobre história da arte no Brasil, seus

preconceitos, suas tendências. O objetivo da professora era abrir nossos olhos para a importância da arte na vida do ser humano como conhecimento, como atividade, como lazer... e eu comecei a tentar entender por que gostava tanto de arte e o quanto era incompreendida pela família, por que quase não existia a arte na Escola. Eu enxergava isso na minha vida, eu “sentia na pele”, mas não compreendia.

A disciplina de Arte, no curso de Pedagogia da UFC, tem uma duração curta de apenas 4 créditos, ou seja, 64 horas, mas o pouco que conheci me fez sentir necessidade de aprofundamento no assunto. Ou de simplesmente poder ter acesso à expressão artística, e estar perto da professora que parecia que conhecia os seus alunos há anos e tornava-se tão próxima que a barreira que separava aluno do professor desaparecia, assim o medo do professor era esquecido. Era uma combinação perfeita, da Arte com uma professora jovem, com pensamentos novos, com um olhar ilimitado, colorida, de “bem com vida”.

Gostei de todas as atividades da disciplina, atividades que fazíamos em grupo, onde descobríamos aos poucos os conceitos e os sentidos da arte na educação, filmes interessantes, discussões prazerosas. Mas entre todas as atividades experienciadas houve uma que foi a mais significativa para mim, a dita “linha do tempo”. Nela pude compartilhar pela primeira vez na vida algo que me interessava, onde meus colegas me ouviam e compartilhavam situações parecidas, pois também passaram por escolas opressoras, indiferentes aos alunos e às suas capacidades. Com a atividade da linha do tempo, percebi que a maioria dos meus colegas passou por situações iguais às minhas ou até piores. É uma atividade longa, pois cada aluno, individualmente apresenta o seu trajeto de vida com relação à arte.

A atividade da linha do tempo foi a porta do “mundo da arte” que se abriria novamente pra mim. Foi por meio dela que parei para pensar sobre a minha vida, do que gostava, do que me deixava feliz, dos momentos marcantes, dos momentos tristes na escola e refletir sobre os acontecimentos, sobre a sociedade, sobre a história. Perceber também o quanto não tive acesso à arte, e o quanto a minha história podia ter seguido outro rumo se tivesse um pouco mais de apoio. Nessa atividade, lembrei que gostava de desenhar e pintar, do quanto me realizava, coisas que já estavam esquecidas e escondidas dentro de mim e apagadas na história, na memória. Depois da atividade de linha do tempo, a professora me incentivou a recomençar a desenhar, a voltar a fazer aquilo que era um prazer. A professora, além de incentivar, indicou-me alguns cursos grátis de desenho e pintura.

Além disso, deu-me “um pontapé” inicial para eu poder voar. Depois da atividade da linha do tempo, cansei de resistir à arte, e comecei a cada vez mais, fazer cursos e oficinas. Qualquer coisa que surgisse para a expressão artística nas artes visuais eu fazia. Depois desta

atividade citada, vi que havia pessoas que acreditavam em mim, diziam que eu era “boa naquilo que fazia”, encontrei nos colegas da faculdade aquela resposta que meu irmão não me deu na infância, com relação a estudar a arte.

Apesar do término (da disciplina), e sucesso que obtive em minha vida, fui necessitando mais da arte. Então me aproximei da professora e na primeira oportunidade de estudar, de me envolver com a arte eu “agarraria”. Logo em seguida, a professora ofertou duas vagas de monitoria para a disciplina de Arte e Educação. Em 2012, concorri à vaga, porém não consegui, mas comecei a participar de outra bolsa de extensão, trabalhando com a educação no campo. No ano seguinte, em 2013, concorri mais uma vez para a monitoria e dessa vez consegui aprovada para uma das vagas disponíveis.

Voltar para a disciplina de Arte e Educação foi um prazer, mas dessa vez viria de uma forma totalmente nova. Não mais como uma aluna de primeira viagem, mas como monitora do Programa de Iniciação à Docência – PID, com uma função de auxiliar os alunos e a professora, e aprender com eles. Não simplesmente ouvindo, mas pesquisando mais, estudando mais. Não mais ouvindo as aulas por obrigação de uma disciplina, mas participando e tornando-me parte das suas vidas. E, cada vez mais, me interessava pela arte.

Assim, a arte foi se tornando parte da minha identidade como ser. As pessoas começaram a me ver cada vez mais como artista e eu me identificava com o que as pessoas diziam ao meu respeito. Como monitora, participei assiduamente de todas as atividades da disciplina e aos poucos fui percebendo a importância de cada atividade proposta, a importância da construção e desconstrução do que seja arte. Desde a apresentação da disciplina, no primeiro dia de aula para os alunos, em que cada um se apresenta através de um desenho, e nessa atividade já se percebe que a maioria dos alunos tem um preconceito com relação ao desenho, pois muitas vezes se recusam a desenhar, dizendo que não conseguem. E isso pra mim, é claramente um resquício da escola, uma ruptura da escola com a arte, que gera frustração, vergonha de não saber desenhar. Todas essas questões me deixavam curiosa para saber de onde vinha essa raiz do ‘não sei desenhar’, da aversão à arte.

Desta maneira, a atividade mais interessante da disciplina, em minha opinião, é a linha do tempo. A atividade tem por objetivo a realização de uma pesquisa autobiográfica como parte da formação de educadores. Na disciplina, o objetivo da atividade da linha do tempo é saber como foi o percurso escolar e não escolar com a arte. Sabe-se que, para estudar Arte e Educação e seus fundamentos, tendências pedagógicas, métodos e abordagens são importantes se conhecer o processo histórico do ensino da arte no Brasil, cujo processo educacional-artístico nas escolas não foi a melhor e nem eficiente. Nas apresentações, muitos

alunos dizem que não tiveram experiência alguma com arte, ou que tiveram muitas experiências com a arte, mas fora do ambiente escolar. Através desse conhecimento, busca-se saber que tipo de práticas, tendências, visões do ensino de arte na escola os estudantes tiveram, desde a infância até a atualidade.

Compreendo que é importante para nós, estudantes de Pedagogia, percebermos dentro do contexto histórico do ensino da arte na escola, identificando as deficiências que esses erros nas abordagens pedagógicas trouxeram. Nessa atividade, enxerga-se claramente a “falha” nestas instituições, o quanto os alunos passam ainda pelas mesmas “atividades cristalizadas” da escola, entendendo-se que a escola não mudou muito. Ela ainda “trava” a expressão do aluno, e na educação infantil ainda se tem a mesma visão de arte como data comemorativa, como capa de prova, com o desenho do boneco palito, atividades automáticas, infantilizadas e “tecnicistas” como atividades de cópias, de pinturas prontas com legendas de cores retirando a liberdade de escolha da criança.

A linha do tempo revela o íntimo de cada um, os traumas causados pelas escolas, coisas julgadas “bestas”, sem importância, mas que travaram a muitos na sua forma de expressão, na forma de falar, de ser, de ver o mundo. Como monitora, nos semestres 2013.1 pela manhã e 2013.2 no período da noite, pude assistir todas as linhas do tempo dos alunos e auxiliava no que fosse preciso. Eu e a professora também apresentávamos as nossas trajetórias com a arte. Apresentar a linha do tempo como monitora foi muito diferente, pois a minha forma de ver o mundo havia mudado desde quando fiz a disciplina. Relatei para os alunos o que mudou na minha vida depois de fazer a disciplina, dos muitos cursos e oficinas de arte que passei a participar. Relatei do meu modo de ser, que tudo relacionado a arte me interessava, de uma nota de revista a um show de um artista diferente na cidade. De uma exposição nas horas vagas. Eu sentia necessidade de arte e não mais depender das horas vagas. Também comecei a cogitar em uma profissão com artes. Passei a experimentar a pintar com tintas diferentes, a me desafiar utilizando materiais que nunca usei, como escultura, xilogravura em cursos ou sozinha em casa.

Na minha linha do tempo, pude também fazer exposições dos meus desenhos, os quais fazia somente para mim. Fui entendendo que a arte é tanto pra mim como para o mundo e não algo individual. As pessoas começaram a identificar os meus desenhos, a admirá-los ou não. Isso me dava mais forças para continuar a buscar a arte. Ainda houve muitas outras atividades na disciplina, oficinas, filmes, discussões. Mas, nada se repetia para mim, sempre aprendia novas coisas, enxergar novas opiniões, outros pontos de vistas, acompanhei duas turmas com as mesmas atividades, pois na arte há uma subjetividade muito forte, por isso sempre é

diferente. Cada um tem as suas características próprias.

Desde o começo, sempre identifiquei-me mais com as artes visuais e era essa língua que mais me identificava. Depois da monitoria, eu passei a me interessar pela arte em geral, aprender a tocar um instrumento, a atuar, a dançar... coisas que antes me sentia incapaz. A convivência com a professora, com meus colegas da monitoria (os outros monitores), com a minha sede de arte, fez com que o meu mundo ficasse pequeno pra mim, por que fiquei disposta a aprender mais. Foi como um resgate da auto estima, como um encontrar-se, ver o horizonte de possibilidades à minha frente. Como se o mundo criasse cor, como se as coisas começassem a ter sentido.

Terminada a monitoria, minha história com a Arte e Educação não havia terminado, pelo contrário. Os caminhos se expandiram. Pra fechar essa história, pensei fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), este presente trabalho, com o assunto que mais me interessou e me motivou durante toda a minha graduação: Arte e Educação. Não sabia ao certo o que falar, pois tenho muitos assuntos que poderia abordar. Mas queria falar sobre algo que eu também estaria no processo e saber os “por quês” de todos os traumas vividos por mim e por tantos outros, as limitações, as raízes profundas que ainda sustentam essas práticas, de onde vem os preconceitos contra a arte. E, para mim, nada mais fácil de enxergar na vida dos alunos do que na atividade que mais me identifico, a linha do tempo. Nela, encontro quais são as atividades detalhadamente, uma por uma, as que mais se repetem, se isso é recente ou faz muito tempo. Na linha do tempo pude fazer uma análise sobre um coletivo de estudantes de um determinado tempo e compará-las com outros de outras épocas e ver o que mudou e o que continua. Perceber qual o sentimento que o estudante leva com relação a isso. Se o graduando sente que precisa mudar ou não.

Quando me formar pretendo me especializar neste assunto, fazer uma graduação em artes visuais. Quiçá a pós- graduação. Sinto que ainda terei muito ainda a aprender.

A seguir, farei uma explanação geral sobre a importância do ensino de arte, destacando a sua relevância para a educação, quando apresento os objetivos deste trabalho.

Na matriz curricular do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), temos a disciplina obrigatória de Arte e educação. Além da sua importância estudo para o ensino de arte, ela está nas diretrizes, daí a sua obrigatoriedade na formação do pedagogo.

Foi pesquisando sobre o assunto do ensino de arte na escola que fiz a atividade da linha do tempo, quando pude conhecer um pouco do histórico do ensino de arte, métodos e abordagens nos textos, mas também pelas narrativas de vida do estudante de pedagogia, pelas quais se pode ver que até hoje as gerações passaram pelo mesmo processo educacional.

Ao assistir às atividades da linha do tempo tive a sensação de muitas angústias, por que é perceptível que a maioria dos estudantes vivem praticamente as mesmas atividades pedagógicas na escola. E, esses mesmos alunos, manifestaram a sua indignação por terem feito atividades mecânicas como os desenhos prontos, os desenhos geométricos, as ilustrações somente nas capas de provas, uma educação precária em arte, onde o ensino somente tinha o nome de arte, mas expressão e conhecimento em arte não existiam. E, quando refletimos sobre essas práticas pedagógicas, nos perguntamos: “para que serviram todas essas atividades artísticas vividas na escola?”, “eu realmente me expressava como criança, nos meus gostos, na minha singularidade?”.

Depois de participar e assistir às atividades da linha do tempo dos estudantes de Pedagogia, senti a necessidade de aprofundar mais os estudos sobre esse ensino tecnicista da arte nas escolas. Entendendo que essas atividades não surgiram “do nada”, mas de uma construção histórica. Assim, através desta pesquisa pretendemos compreender quais tendências e concepções de ensino de arte estão presentes na realidade educacional brasileira, especificamente na escolarização dos estudantes de pedagogia da UFC.

Segundo Silva & Araújo (2010),

“a nossa compreensão é a de que por trás de cada atividade dessa existe, respectivamente, uma concepção de ensino de arte, que teve sua origem ao longo da trajetória histórica da arte/educação no Brasil; pois essas são práticas que historicamente vêm se cristalizando na educação escolar”. (pag. 02)

Ao pesquisar e refletir sobre o percurso do ensino da arte no Brasil, nos seus diferentes contextos onde o ensino da arte esteve presente ou não, desde a concepção dos jesuítas ao ensino tecnicista, onde a arte vem sendo manipulada e somente uma pequena parcela da sociedade teve e tem acesso, entende-se que a precariedade, a falta de profissional adequado, a falta de formação de professores ainda existe nas instituições escolares e por isso existe uma continuidade dessas atividades pedagógicas tecnicistas.

Como estudante de pedagogia, acho pertinente discutir sobre o ensino de arte nas escolas brasileiras. E, a partir do histórico do ensino de arte, perceber a importância do estudo e pesquisa sobre esse ensino fragmentado e cheio de fragilidades e a partir desse estudo e reflexão buscar romper com essas práticas.

1.2. Objetivos

Geral:

Analisar as atividades escolares de arte nas narrativas de vida dos estudantes de Pedagogia compartilhadas na atividade Linha do Tempo na disciplina de Arte e Educação da Universidade Federal do Ceará, identificando as precariedades dessas experiências formativas e problematizando o ensino de arte na escola no Brasil.

Específicos:

1. Descrever tendências, metodologias da história do ensino de arte e suas concepções.
2. Identificar as atividades artísticas escolares compartilhadas pelos estudantes de Pedagogia através das atividades da linha do tempo.
3. Problematizar a formação artística do pedagogo, relacionando a micro linha do tempo (individual de cada estudante de Pedagogia da UFC) com o macro linha do tempo (história do ensino de arte no Brasil).

1.3 Abordagem Metodológica e Procedimentos de Pesquisa

O estudo apresentado é de caráter qualitativo em educação. Segundo Minayo (1992), metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. A realidade é aquela que nos impulsiona a pesquisar sobre aquilo que não entendemos e saber “os porquês” das coisas que passamos, por aquilo que vivemos. Através de realidades individuais podem-se construir realidades gerais e é justamente isso que pesquisaremos.

Essa pesquisa abordará narrativas de vidas de estudantes de pedagogia dos semestres 2013.1 do período de fevereiro à julho e 2013.2 de agosto à dezembro. Essas narrativas de vida são específicas, cada aluno relata sobre as suas trajetórias com a arte no seu percurso escolar.

Esta pesquisa não é definitiva, muito menos conclusiva. Ela visa refletir sobre as atividades em um determinado local e com determinadas pessoas, podendo, certamente, ser diferente em outro contexto. Visa fazer uma reflexão crítica sobre os resultados que serão obtidos com objetos específicos, em um processo próprio, em um tempo específico vividos aqui, nessa cidade do Ceará, nesta Universidade, neste curso.

Referente ao objeto específico que pesquisei, Minayo (1992) lembra ainda que, o objeto das ciências sociais é histórico. Isto significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configurações são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Portanto a provisoriamente, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social (p.13). Entende-se que a pesquisa social está inserida em contexto social com especificidades próprias da história, sujeita a mudanças no futuro, mas que um dia existiu, que foi vivida por dadas pessoas e que por isso está registrada de várias formas e que por isso analisadas.

A atividade que será analisada foi vivida também por mim (pesquisadora) e por isso também estou dentro dessa pesquisa, assim, sou sujeito-pesquisadora. Como nos lembra Lévi Strauss (1975), “(...) numa ciência onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação.” (p. 12)

Nesta pesquisa, encontra-se a perspectiva das narrativas de vida dos estudantes e através dela consigo me contextualizar sobre o ensino de arte do Brasil. A abordagem metodológica desse estudo será o estudo de caso. O estudo de caso é uma grande quantidade de informação em um único caso. O estudo de caso é uma abordagem de investigação onde

procuramos compreender, explorar e descrever situações e que no qual encontramos problemas. O que marca o estudo de caso é a sua especificidade dos objetos. Segundo Pontes,

“É uma investigação que se assume como particularística, isto é que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser a única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno interesse. (PONTE, 2006:2)

Ainda como base, a concepção de Minayo (2012), a pesquisa qualitativa está relacionada com a busca do pesquisador em captar a realidade através da perspectiva das pessoas envolvidas, ou seja, o pesquisador analisa as experiências individuais ou de grupos a partir de relatos de histórias vividas ou de um determinado momento.

Devido ao fato de a atividade Linha do Tempo constitui-se em uma metodologia de ensino criada e desenvolvida por uma professora em especial e aplicada em um determinado contexto específico. Desta forma, para se fazer a análise das linhas do tempo usa-se o método do estudo de caso, e desta forma farei uma análise desse trabalho nas turmas da disciplina de Arte e Educação ministrada pela prof. Luciane Goldberg no curso de pedagogia da FAGED no ano de 2013. Os alunos escolhidos são provenientes das turmas que comigo estiveram quando fui monitora (PID) na disciplina de Arte e educação que teve a duração de um ano, onde pude acompanhar de perto todas as linhas do tempo dos alunos dos semestres 2013.1 diurno e 2013.2 noturno. Tive a oportunidade de assistir todas as apresentações, fazer anotações e agora nessa pesquisa farei uma análise documental dos trabalhos. Pude conhecê-los, criar afinidades e a liberdade de fazer a minha pesquisa com esses estudantes que são os sujeitos da pesquisa.

Como dito na página, os estudantes analisados pertencem ao curso de Pedagogia da UFC. Pesquisar educação é beneficiar a educação em geral, é agregar para a melhoria dos ensinamentos das crianças, na formação dos professores e contribuir como sujeito também nesse contexto em que vivemos, transformando o cenário atual da educação.

No primeiro objetivo específico dessa pesquisa far-se-á uma pesquisa bibliográfica, onde se analisará as tendências, concepções e metodologia do ensino de arte no Brasil, desde o período colonial às últimas leis da LDBEN, que consta nas pesquisas de Barbosa (2005) e Silva e Araújo (2010).

Depois da busca e pesquisa do material, farei uma categorização de cada atividade vivida pelos estudantes, classificadas como arte na escola. Não serão identificados os estudantes, somente o ano de nascimento de cada estudante. Dividirei as atividades escolares

em educação infantil e séries iniciais pelo fato de ser a área de atuação do pedagogo, por isso a importância da pesquisa para a área de educação. Dentro da categorização quais as atividades que mais aparecem nas apresentações dos estudantes de pedagogia da UFC. Farei uma categorização das décadas, para obter com mais precisão a diferença de idade e podendo fazer comparações entre os contextos dos mais jovens aos mais adultos e em cima desse comparativo poder tirar conclusões se o ensino de arte no Brasil. Se obteve mudanças ou não, nos métodos, nos objetivos, nas formas de ensino. A partir das atividades escolares em arte encontradas e depois de categorizadas será feita uma análise de dados, onde se refletirá o que foi contemplado ou não por esse ensino, as suas faltas, as lacunas, as falhas, as tendências, as metodologias. Logo depois descobrir essas raízes das atividades em arte na comunidade escolar, comparar aos estudos histórico desse ensino.

Nesse último objetivo específico, farei uma associação da linha do tempo dos estudantes, já que a grande maioria mora na cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, em diferentes escolas (públicas e privadas), com o histórico ensino de arte. A partir da pesquisa bibliográfica, buscarei entender o ensino de arte no Brasil, como esse ensino chegou às escolas, qual era o seu objetivo, quais eram as bases desse ensino e como foi elaborada para professores e crianças. Pelas narrativas de vida dos estudantes de Pedagogia da UFC far-se-á uma reflexão e problematização com relação à análise da história geral do ensino de arte no Brasil.

No último objetivo específico depois de encontrar, reunir, categorizar as décadas, as fases (adultos e adolescentes), educação infantil e fundamental e as todas as atividades em arte na escola farei uma associação da linha do tempo dos estudantes, que a grande maioria mora na cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, em diferentes escolas (públicas e privadas). A partir da pesquisa bibliográfica, buscarei entender o ensino de arte no Brasil, como esse ensino chegou às escolas, qual era o seu objetivo, quais eram as bases desse ensino e como foi elaborada para professores e crianças. Pelas narrativas de vida dos estudantes de Pedagogia da UFC far-se-á uma busca e análise da história geral do ensino de arte no Brasil.

As linhas do tempo dos alunos se apresentam em várias formas, seja em formato de vídeo, áudios, performances, slides (Power point) álbuns de imagens impressas, fotos digitalizadas, seja em desenhos pesquisados da internet usada como exemplos, seja imagem de “cartinhas” que fizeram para seus pais. Todo o material está arquivado e servirá como fonte de informação sobre as atividades escolares.



Cap2. Linha do tempo do histórico ensino de arte

2.1 O que seria então a Arte?

“O olho do pintor, cujo o ver, já é um pintar.”(Ferraz e Fusari, 1993.104)

Antes de poder compreender a importância da arte na escola, deve-se saber o que seja a arte e o que ela traz, se é que é possível explicá-la. No meu vão pensamento tento “amarrar” um conceito para a arte, mas escapa-me palavras para sua explicação, assim, trago algumas reflexões que podem levar à compreensão da arte, com suas múltiplas formas e de uma forma atemporal refletir sobre os sentidos, suas funções e significados. Segundo Ferraz e Fusari (1993):

A arte é uma das mais inquietantes e eloquentes produções do homem. A arte como técnica, lazer, derivativo existencial, processo intuitivo, genialidade, comunicação, expressão, são variantes do conhecimento arte que fazem parte do nosso universo conceitual, estreitamente ligado ao sentimento de humanidade. (pag 101)

A arte poderia ser a sensibilização com o mundo? Sim! Caracterizar-se-ia como um lazer? Sim! É um conhecimento? Sim! É um conjunto de técnicas? Sim, também. Muitas são as respostas, mas conseguir conceituar o que ela seja na sua totalidade é quase impossível, pois a arte é muito abrangente, mas sabemos que o seu ponto de partida é a humanidade do homem, é o ser, ser humano e suas faculdades mentais. A partir daí, ele é um inventor, criador, capaz de abstrair.

Destaca-se que, talvez uma das suas maiores características é a sensibilização, pois a arte é a responsável por mover os nossos sentimentos, entre os extremos, seja para a alegria, seja para o ódio. Ela (a arte) tem a capacidade, pela sensibilização, de adentrar em nossos pensamentos, mudar o nosso modo de olhar a vida, as coisas, a natureza, a criação, a sociedade, a política, a nós mesmos. Talvez seja por isso que ela tem um poder de seduzir e inebriar o homem, de fazê-lo mudar de idéia, ou contrariá-lo. É por esse poder de conquistar o homem que a arte esteve nas mãos dos reis, das instituições mais poderosas, pois por ela se consegue ser instrumentos de voz, ganhar prestígios, ser visto ou se impor um ponto de vista. Quantas sociedade e culturas de diferentes tempos resistiram ao tempo por meio das obras artísticas que deixaram, principalmente pelas artes visuais, pois é na matéria das obras que fica impresso para as futuras gerações, para a memorização, e nelas os homens deixaram as

suas marcas nas paredes, em vasos, esculturas, na madeira, no ferro, no papel... Muitos foram os materiais pelas quais se deixaram a memória viva de um povo.

Desta forma, nos perguntamos: a arte está na pessoa que produz, no processo ou no produto feito por ela? e rapidamente respondemos: a arte está nos três. Primeiramente, no ser humano que é o criador, que é de onde parte a idéia, a vontade e a necessidade. A arte esta em seu cérebro, nas imagens em seus pensamentos, está no plano das idéias, assim, “O homem cria não apenas por que quer ou por que gosta, e sim por que precisa: ele só pode crescer enquanto ser humano, coerentemente ordenando, dando forma, criando”. (OSTROWER, 1983: pag. 10). A arte enquanto idéia faz parte do interior do homem. O processo é a parte em que ele coloca para fora a idéia e se utiliza de conhecimentos específicos, técnicas aprendidas para poder materializar a obra criada. Quando criado o que arquitetou, se torna criador desta, o pai da obra criada, um produto único e individual de quem a criou. E a obra é extensão de quem a criou, uma idéia materializada, parte de quem a criou, Pareyson (1984):

Ainda complementa que “a obra de arte é expressiva enquanto forma, isto é, organismo que vive por conta própria e contém tudo quanto deve conter. Ela exprime, então, a personalidade do seu autor, (...) no sentido que nela até a mínima partícula é mais reveladora acerca da pessoa de seu autor do que qualquer confissão direta, e a espiritualidade que nela se exprime está completamente identificada com o estilo”. (pag 103)

Quão grande importância têm as três vertentes: o criador, o processo e a obra criada. Um completa o outro. O criador pode vir a faltar e não conseguir viver por muito tempo, mas a obra criada consegue se estender por séculos, algumas dependendo do grau de importância, consegue se estender a muitas gerações representando o seu criador, a obra immortaliza o nome do criador.

Para Pareyson (1984), o pensamento ocidental de arte tem uma concepção que interpreta a arte como conhecimento, visão, contemplação, em que o aspecto executivo e exteriorizador é secundário, senão supérfluo, entendendo-a ora como a forma suprema ora como a forma ínfima do conhecimento, mas, em todo caso, como visão da realidade. Uma realidade em evidencia exterior, ou uma realidade metafísica, uma realidade espiritual mais profunda. Referindo-se a arte como uma necessidade básica para a vida enquanto ser. Segundo Porto,

em se tratando da sua função numa sociedade de classes, há quem lhe atribua o exercício de um papel ideológico, de caráter classista; outros a vêem “neutra”, autônoma, independente das relações econômicas e sociais. Há ainda aqueles que, percebendo-a situada nesse tipo de sociedade, a apresenta como nem sendo condicionada e nem determinante do modo de vida, indicando uma função e conteúdos transformadores a partir do fato dela poder revelar as contradições existentes no convívio social. Arte primitiva, exótica, popular, erudita, gótica,

rudimentar, ingênua, crítica, pessoal, transcendental, particular, universal. Se adjetivar a arte é fácil, defini-la é muito difícil. (2001, 03)

A Arte é criada para criar o pensamento do artista artista e expressar os seus. O público que visualiza faz a leitura da obra de uma singular. Assim, por meio da arte, é possível conhecer aprofundar a cultura de um povo em uma determinada época.

A arte toma forma, se reinventa, cria novas modas, novos estilos por que passa por diferentes pensamentos. E, de fato, como é difícil se chegar a uma conclusão do que seria a arte tão vivida pelo ser humano e a mais das antigas atividades feitas por ele. Seria algo dado por Deus? Um poder mitológico? Para mim, a arte é a pura inteligência do homem, é uma força impulsionadora interior que o move de acordo com a época e cultura vigente.

2.2 A importância da arte e educação

Ao iniciar o curso de Pedagogia tive acesso, pelos componentes do currículo, à disciplina de Arte-Educação. Aos poucos fui compreendendo a sua importância e luta para a educação básica. Nela, fui entendendo sobre a necessidade de criação do ser humano e o quanto isso pode mudar o seu trajeto na vida.

Silva& Araújo (2010), tentando denominar o que seria a Arte e Educação, dizem:

expõe seu pensamento, a Arte/Educação é epistemologia da arte. É a ciência do ensino de arte (BARBOSA, 1998). Nesse sentido, a Arte/Educação tem se caracterizado como um campo amplo de conhecimento que, durante a sua trajetória histórica e sócio-epistemológica, vem agregando diferentes estudos, os quais são frutos de pesquisas científicas na área da arte e seu ensino, pesquisas artísticas e da produção de conhecimento/saberes, através da prática de ensino experimental de arte, na educação escolar e não-escolar. Dessa forma, Arte e Educação, como um campo de conhecimento empírico-conceitual, se é aberta a diferentes óticas e vêm juntando diversificada linha de atuação, estudo e pesquisa, como: a formação do professor para o ensino de arte, a história do ensino de arte no Brasil, Dança e Educação, Educação Musical, o ensino da arte na educação escolar, o ensino da arte na educação não-escolar, o ensino das artes visuais, o ensino inclusivo de arte, os fundamentos da Arte e Educação, os processos de aprendizagem da arte, Teatro e Educação, entre outros. (2010, 10)

A partir do acesso à disciplina de Arte e Educação pude encontrar e perceber sua grande importância para a educação em todos os níveis, educação básica e superior. Pontos que servem de base para o pedagogo e que apontam a importância de se estudar e entender a Arte e Educação como formação para professores, como podemos constatar nos objetivos da disciplina em seu plano de ensino no semestre 2013.1:

Compreender a importância da Arte e da Arte-Educação para a educação enquanto elemento de formação crítica e criativa, indispensável ao desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e intelectual do ser humano; b) Resgatar processos formativos em arte por meio das histórias de vida a fim de identificar as práticas existentes em Arte no ensino, bem como suas fragilidades e precariedades; c) Conhecer a História do Ensino de Arte no Brasil e as conseqüências desta para a definição de metodologias, práticas, currículos e percepções; d) Apreender os fundamentos, tendências, concepções de ensino e metodologias da Arte-Educação; e) Nortear a ação futura embasada na arte como conhecimento; f) Resgatar a capacidade criadora e sensibilizar quanto à importância de um trabalho em Arte que respeite a construção de um sistema próprio de representação; g) Conhecer as principais linguagens artísticas que compõem a Arte-Educação e projetar conexões pedagógicas; h) Reconhecer a importância do desenho infantil para o desenvolvimento humano e saber identificar e reconhecer as fases do grafismo infantil. (PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA ARTE-EDUCAÇÃO, 2013)

Obteve-se que pelos estudos nesta disciplina, fui percebendo a importância da arte para a Educação. Entende-se que a escola é aquela responsável por permitir aos sujeitos o acesso a toda produção e bem cultural humano e nesta encontrar uma formação crítica, criativa e lúdica. Posto isto, entendo que Arte e Educação é um movimento indispensável na educação escolar, pois promove o pensar, o criar e o executar arte (produto pertencente ao homem) e, assim, pelo ensino de arte poder-se-á buscar o desenvolvimento integral da criança ou do adulto, no desenvolvimento cognitivo, afetivo, social. Duarte Jr. (1991) vem nos falar sobre a importância do resgate da beleza e do lúdico para a educação (Por que Arte-educação):

Mas a revalorização da beleza e da imaginação encontrou, na arte e no brinquedo, dois aliados poderosos. Por que não se educar as novas gerações evitando-se os erros que viemos cometendo? Por que não se entender educação, ela mesma, como algo lúdico e estético? Por que, ao invés de fundá-la na transmissão de conhecimento apenas racionais, não fundá-la na criação de sentidos a partir da situação existencial concreta dos educandos? Por que não uma arte-educação? (1953, pag.64)

Desta forma, enfatiza-se que o ensino de arte pode vir a resgatar o sentir, o criar, o perceber-se no mundo e o sentido no aprendizado. Para além do convite à liberdade do ser, a arte é composta de história, de elaborações técnicas e de concepções que a configuram como um conhecimento importante no currículo escolar. Assim, cabe à Arte e Educação promover a qualidade do contato dos sujeitos com as nuances do universo artístico. De si para o outro, a arte é interdisciplinar, pois outros conhecimentos específicos da escola como, matemática, português, ciências, dentre outras “bebem” da sua capacidade de englobar na brincadeira o mundo e o homem. A Escola, mais do qualquer outra instituição, como aquela que forma integralmente o estudante, é a responsável por oferecer o conhecimento sobre, e com a arte, e principalmente, com profissionais específicos da arte, de cada área artística.

2.3 A história do ensino de arte no Brasil: o ensino de arte na educação escolar e as diferentes tendências e concepções de ensino.

“A função da história é explicar o presente.”
(Barbosa, 2002.12)

Neste item, buscamos refletir sobre, a história da arte no Brasil, através de alguns teóricos que auxiliarão no resgate sobre as concepções do ensino de arte em nosso país. Buscaremos referencial em alguns autores, mas principalmente Ana Mae Barbosa ícone da arte educação no Brasil e que atualmente é a principal fonte sobre esse ensino ao longo da história.

Ao recorrermos à nossa memória, como povo brasileiro, dizemos que, no Brasil, a partir do século XX tivemos obrigatoriamente as “aulinhas de arte”. Com facilidade, lembraremos das nossas aulas de arte nas escolas, das breves aulas de arte que tínhamos, dos momentos de uma livre “algazarra”, do mínimo de lazer que tínhamos, dos desenhos totalmente livres ou totalmente condicionados, das decorações, das datas comemorativas... algo que possa lembrar ligeiramente o que seja a arte na escola, mas que não era propriamente arte. Todas essas atividades são frutos de uma época, com concepções próprias ou oriundas de outros pensamentos.

Nas escolinhas em que passamos o professor tinha que desenvolver atividades de artes com seus alunos, e podemos nos perguntar: o que norteava esse professor? Quais as raízes dos seus métodos, quais as raízes da sua prática? (existia métodos e conteúdos?) esse professor sofria influencia do seu tempo, sua época. Dialogaremos um pouco sobre isso.

A seguir, faremos uma análise geral da história do ensino de arte no Brasil em comparação com as linhas no tempo dos estudantes de pedagogia. Em um explicação mais simples, será uma análise da macro linha do tempo da história do ensino de arte no Brasil situando a micro linha do tempo da história dos estudantes de pedagogia (análise obtida nas linhas do tempo dos estudantes). Desta maneira, explicaremos as raízes das práticas existentes até hoje nas aulas de arte na escola.

O ensino de arte no Brasil passou por diferentes tendências e concepções que deram caminhos diferentes a esse ensino. Abordagens que sustentam essa práticas ate hoje vividas pelos professores de arte. Segundo Silva & Araújo (2010) esse ensino, o ensino de arte passou por três concepções desde a descoberta do Brasil: **1) O ensino de arte Pré-Modernista; 2) O ensino de arte Modernista; 3) O ensino de Arte pós-Modernista ou Pós- Moderno.**

Ferraz e Fusaria (2010) “ao mesmo tempo que nossas práticas e teorias educativas estão impregnadas de concepções ideológicas, filosóficas, que influenciaram tal pedagogia”. Dentro dessas três concepções do ensino de arte, encontraremos diferentes visões sobre a Arte, diferentes visões sobre o sujeito que faz a arte, que passaram por diferentes contextos sociais. A seguir abordaremos as manifestações destas concepções do ensino de arte que visa colaborar com o conhecimento desse percurso, para assim, poder colaborar com uma posição mais crítica e realista. A partir dos conhecimentos obtidos, comprometendo-se pela transformação da nossa educação escolar atual

2.3.1 Tendência pré-modernista:

Inicialmente, o ensino de arte no Brasil está ligado ao ensino de arte como técnica. Iniciou-se primeiramente, com os jesuítas no Brasil em 1549. Os jesuítas trouxeram sua forma de passar seus conhecimentos já obtidos pela sua cultura européia. Segundo BARBOSA (2002) os Jesuítas, “Valorizava excessivamente os estudos retóricos e literários, separavam, a exemplo de Platão, as artes liberais dos ofícios manuais ou mecânicos”. O método de passar esses conhecimentos era com o objetivo de evangelizá-los, levando o evangelho de Jesus Cristo, uma nova forma de ver o mundo para os nativos. Para conseguir tal objetivo os jesuítas se utilizavam de várias oficinas com atividades e técnicas, pelo ensino da arte em oficinas, técnicas artísticas como os cantos orfeônicos para os seus ritos religiosos, sempre com o objetivo de evangelizar os índios para a sua cultura. Essa foi a primeira experiência com educação no Brasil.

Este foi o modelo de educação enraizado pelos jesuítas, do qual foi a nossa primeira experiência em educação, embora seja um modelo de educação informal, que no qual se tornou base para o ensino brasileiro, desde a época do seu descobrimento até 1759 quando foram expulsos por razão política. Essas são raízes mais antigas desse ensino tecnicista que resiste até hoje em nossas escolas.

Logo após a retirada dos Jesuítas, houve as primeiras tentativas para um ensino formal de arte e essa foi com a vinda da missão francesa e a Academia de belas artes. A arte trazida pelos franceses era de estilo neoclássico marcado pela frieza intelectualista, diferente do barroco rococó vivida na época. E que houve um estranhamento popular em relação a arte, por parte dos que já aqui no Brasil moravam, pois era uma arte, até então, diferente da sua

cultura. Barbosa (2002) diz ainda, o neoclássico, que na França era a arte da burguesia antiaristocratizante foi no Brasil arte da burguesia a serviço dos ideais aristocracia, a serviço do sistema monárquico. A arte neoclássica trazida da França tinha público específico, a classe dominante. Resultando assim um afastamento entre massa e a arte, era separatista. Barbosa (2002) ainda comenta que:

Afastando-se do contato popular reservando para *thehappyfew* e os talentosos, concorria-se, assim, para alimentar um dos preconceitos contra a arte até hoje acentuada em nossa sociedade, a idéia de arte como uma atividade supérflua, um babado, um acessório da cultura. (Barbosa, 2002. 20)

Caracterizando a arte como um dom, algo específicos para alguns, ou aqueles a quem teve acesso, caracterizando também o que até hoje podemos ver nos discursos, dos estudantes de mais baixa renda, que não tem tempo para a arte, ou que abandonaram alegando não ser importante, que “tem mais o que fazer” ou que não nasceu para isso, não tem o dom. Ou mesmo aqueles que alegam que a técnica da arte, ou história da arte são para aqueles que não fazem nada ou para a classe da “sociedade mais rica”.

Já no contexto da abolição da escravatura (1888) e com a proclamação da República (1889), segundo Silva & Araújo (2010) os liberais e positivistas foram os grandes precursores para uma grande reforma nas diferentes esferas da sociedade, com a intenção de consolidar um novo regime político, através de mudanças significativas nas instituições brasileiras e visavam a educação como um perfeito lugar para tal transformação. E uma dessas mudanças foi no campo do ensino de arte, que passou de uma visão de “dom” e acessório da República – para – linguagem da técnica e da ciência, e o ensino de arte agora teria outra ideologia: o objetivo de preparar a grande massa para o trabalho. O período das instalações das correntes liberais foi o ápice do caráter tecnicista no ensino de arte no Brasil, mas desde os jesuítas esse modelo de ensino técnico existia e perdurou por 400 anos esse ensino, sempre em função de algo, ou alguém e nunca a arte por ela mesma.

E até hoje - mesmo com descobertas do quanto esse ensino técnico traz prejuízos ao aprendizado - encontramos resquícios enraizados desse ensino altamente técnico no ensino da arte, tais como: o desenho geométrico, do ensino da leitura da imagem sem a contextualização da obra de arte, na pintura mecânica de desenhos prontos ou mimeografados.

Entende-se assim, que a arte técnica parte de dois princípios. Segundo Silva & Araújo (2010) são eles: **1)** A efetivação do processo de aprendizagem da arte através do ensino de técnicas artísticas, para uma formação meramente propedêutica, que visa, como por exemplo,

à preparação para a vida no trabalho; 2) e na utilização da arte como ferramenta didático-pedagógico para o ensino das disciplinas mais importantes do currículo escolar, como matemática e Língua Portuguesa.

Podemos então perceber que essa concepção está ligada a utilização do ensino de arte como um mero meio em que as pessoas se utilizam para um fim, para a criação somente de um produto que não está ligada a ela - que é exterior a ela - é apenas uma mecanização, desvinculado a aspectos cotidianos. A arte nessa concepção não tem valor em si mesma.

O ensino de arte Pré- Modernista está profundamente ligada ao que chamamos de um tipo de educação: a pedagogia tradicional. Esta, têm suas raízes no século XIX e percorre todo o século XX, existente até os nossos dias. A educação tradicional consiste em que os indivíduos são libertados pelos conhecimentos adquiridos na escola e podem, por isso, organizar com sucesso uma sociedade mais democrática. Acrescenta FERRAZ E FUSARI (1993) “na prática, a aplicação de tais idéias reduz-se a um ensino mecanizado, desvinculado dos aspectos do cotidiano, e com ênfase consideradas verdades absolutas. Existem os métodos do filósofo Johann Friedrich Herbart (1776-1841)” que se caracterizam pelos seguintes passos:

- a) Recordação da aula anterior ou preparação para a aula do momento;
- b) Apresentação de novos conhecimentos, principalmente através de aulas expositivas;
- c) Assimilação do novo conhecimento por parte do aluno, por meio de comparações;
- d) Generalização e identificação dos conhecimentos em diferentes situações, atribuindo-se, para isso, “lições de casa” com exercícios de fixação e memorização.

Essa concepção está ligada ao ensino de arte, como uma cópia do “natural”, onde existe uma padronização de beleza, são cópias mais realistas das coisas, são modelos prontos para os alunos imitarem. Nessa concepção o foco do ensino está no professor.

2.3.2 Tendência Modernista

Nesta concepção, o ensino de arte, é totalmente contrário ao movimento Pré-Modernista, pois suas bases de apoio são outros extremos: o desenvolvimento da expressão e da criatividade. Seus alicerces conceituais são ligadas ao movimento Escolinha de arte (MEA). A prática do MEA se desenvolveu no âmbito extra-escolar, mas mesmo sendo exterior, foi um dos movimentos que mais influenciou o ensino e a prática do ensino de arte no século XX.

Essa pedagogia experimental ou nova surgiu em meados de 1914 com um novo modo de enxergar a sociedade e por isso um novo olhar para o ensino de arte e a criança. Foi o primeiro grande processo e iniciou uma nova transformação filosófica e metodológica em toda a educação e também no ensino de arte. Com relação ao MEA, Varela (1986) fala: “durante duas décadas, foi responsável pela formação inicial e continuada dos Arte/educadores e diferentes regiões brasileiras.”

Assim, pela primeira vez no Brasil instaura-se um movimento que importava-se com a criança. Nessa concepção, o foco é o sujeito e não mais o professor. Em 1914, os curso de formação de professores do estado de São Paulo, por exemplo aperfeiçoava-se em abordagens e metodologias com correntes americanas e européias e que não ficaram somente na cidade de São Paulo, mas se espalhou por todo o cenário nacional.

Um grande fator para a contribuição para essa concepção Modernista, foi a Semana de Arte Moderna em 1922. O evento trouxe música, dança, poesia e artes plásticas. Fortemente influenciada pela vanguarda européia, o evento trouxe uma busca de experimentação, na liberdade criadora, da ruptura com o passado (educação tradicional), com novas idéias, com conceitos artísticos. A Semana de Arte Moderna reuniu a classe dos diferentes artistas e principais intelectuais da época. Com esse movimento a concepção modernista da arte passou a ser abraçada por pelos psicólogos e artistas, que divulgaram e apoiaram a idéia.

A idéia da livre-expressão, originada no expressionismo, levou à idéia de que a Arte a educação tem como finalidade principal permitir que a criança expresse seu sentimento e à idéia de que a Arte não é ensinada, mas expressada. Esses novos conceitos, mais do que aos educadores, entusiasmaram artista e psicólogos, que foram os grandes divulgadores dessas correntes e, talvez por isso, promover experiências terapêuticas passou a ser considerada a maior missão da Arte na Educação (BARBOSA,1975, p. 45).

As correntes que influenciaram o MEA e a Semana de Arte Moderna com esse novo centro de discussão, essa nova forma de enxergar o mundo foi o movimento classificado como “Escola Nova” (EN), que foi criado pelo americano John Dewey, trazido para o Brasil por Nereu Sampaio e Anísio Teixeira. Segundo Ferraz e Fusari (2010) “A pedagogia nova, também conhecida por movimento do Escolanovismo ou da Escola Nova, tem suas origens no final do século XIX na Europa e Estados Unidos, que o Brasil seus reflexos começaram a chegar por volta de 1930. A Escola Nova se contrapõe ao modelo tradicionalista que era vigente no Brasil, o movimento EN pensava na criança como um ser com a sua própria forma de pensar, com uma concepção de tempo de infância, como uma fase própria, com seus próprios pensamentos, formas de falar e agir como criança.

A EN era a seiva que alimentava os MEA's que traziam como proposta a valorização da arte da criança e que tinha foco no processo artístico. Para o movimento da EN o foco estava no processo artístico da criança, onde ela podia se expressar na arte da forma que desejasse, como sabia, como pensasse e imaginasse –sem nenhuma interferência – dos adultos ou professores. Para essa corrente a criança era capaz de produzir a sua obra de arte sozinha com a mínima ajuda ou ensino do professor. Silva & Araujo (2010), cita que “Essa maneira de proceder iria possibilitar conservar um valor fundamental divulgado pela Arte/educação Modernista: a originalidade como um fator primordial do fazer artístico.” No ensino, o método seguido pela Escola Nova era:

- a) Começar com uma atividade
- b) Que suscitasse um determinado problema dos quais
- c) Provocasse levantamento de dados a partir dos quais
- d) Se formulassem hipóteses explicativas do problema e se desenvolvesse à experimentação, realizada conjuntamente por alunos e professores, para confirmar ou rejeitar as hipóteses formuladas.

Por esse método acreditava-se que a criança aprendia sozinha e não precisaria da transmissão ou ensino dos conhecimentos do professor. O movimento EN apesar de ter acabado em 1971 conseguiu deixar muitas marcas na história da educação e no ensino de arte, como: a produção do desenho como forma de expressão do pensamento da criança; costume escolar de levar a criança para assistirem a diferentes apresentações artísticas e a exposição em museus de arte e em centros culturais. Atividade que são importantes para a criança, sem dúvida, mas que essa concepção de educação não permitia uma interferência do professor no ensino da criança, portanto atividade sem planejamento, sem estratégia para o conhecimento artístico, sem didática. Caracterizando para as crianças ser apenas um passeio agradável, uma fuga da rotina, como afirma Silva & Araújo:

Essas atividades em geral, são trabalhadas de forma “livre”, sem qualquer intervenção ou mediação do professor na percepção dos produtos artísticos e na realização da produção da criança, partindo da crença de que a aprendizagem do conhecimento artístico ocorre de forma espontânea, sem haver necessidade de qualquer trabalho de mediação do professor. (2010, 09)

Fazendo uma análise, percebemos o quanto ainda existe na nossa realidade raízes profundas dessa concepção. Aulas totalmente soltas, dependentes de ninguém, sem rumo algum, sem objetivo algum. Para Dermeval Saviani (1983) “A Escola Nova: deslocou o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento, do aspecto lógico para o psicológico,

do professor para o aluno, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade, do diretismo para o não-diretismo, de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para um pedagogia de inspiração experimental , baseada, principalmente, nas contribuições da biologia e da psicologia” .

Nesse momento da historia que, Silva & Araújo (2010) caracteriza a idéia que caracteriza a arte como um mero lazer, como auto-expressão e catarse e tira da arte toda forma própria desse conhecimento, indispensável para o ser humano, como algo que pode ser ensinado e aprendido. Assim, destaca-se uma visão do ensino de arte como mera atividade pedagógica.

A partir dessa concepção solta, “livre” de ensino de arte, passou a ter outra concepção: O ensino de arte como somente uma mera realização de atividade. Conforme Silva & Araújo falam:

Essa concepção de ensino foi legitimado através de a lei de diretrizes e bases da Educação Nacional (LDBEN). De nº 5.692, promulgada em 11 de agosto de 1971, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de arte nos currículos das escolas de 1º e 2º graus. A partir dessa lei, o ensino de arte no Brasil passou a ser designado através de rubrica de “Educação Artística”. Uma terminologia ultrapassada para o período em que foi criada, diante dos avanços possibilitados pelos diferentes estudos e discussões da área da arte e seu ensino, desenvolvidas no Brasil, Estados Unidos e Europa.(2010,10)

Os professores das áreas afins de desenho, dança, música, trabalhos manuais, canto coral e artes aplicadas que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, foram pegos de surpresa com a transformação dos seus conhecimentos específicos em “qualquer atividades artísticas”.

O ensino de arte entrou no currículo escolar, mas esse currículo escolar foi classificado em dois módulos: 1) Disciplinas são as áreas do conhecimento com objetivos, conteúdos, metodologias e processo de avaliação específica (Matemática e português) ;2) e atividade com desenvolvimento de práticas e procedimentos (Ensino de arte). Depois da criação dessa lei é notável que o ensino de arte foi totalmente rebaixado para um “enfeite” para o currículo, como um caráter “humanista” no currículo escolar mas somente no nome, somente para formalidades e ocupar horários vagos. E as aulas de “educação artística” eram feitas com qualquer outro profissional, professores de áreas que não tinha a menor compreensão do que seria o ensino de arte. Não era uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses.

Concluindo essa reflexão sobre o ensino de arte de tendência modernista, liberal idealista, lembra-nos que, hoje, as nossas aulas de arte ainda apresentam influências das três

tendências abordadas aqui - tradicional, novista e tecnicista – misturadas uma nas outras. Apesar de que cada tendência aconteceu em uma época específica, constatamos que na prática elas se mesclam. O conhecimento dessas tendências e concepções são a chave para o professor conhecer aquilo que o guia em suas aulas, as raízes de suas aulas e assim tomar ciência de que as melhorias das relações sociais é papel da educação escolar.

2.3.3 Tendência Pós-Modernista:

Sem desconsiderar o que já foi construído de conhecimento válido na pedagogia da Escola Nova, trataremos nessa ultima tendência, novos rumos de educação, portanto, de novos caminhos sobre o ensino de arte, com uma nova proposta pedagógica, uma evolução. Ferraz e Fusari (2010) explicam:

Essas discussões contribuíram para mobilizar novas propostas pedagógicas que apontam para uma educação conscientizadora do povo e para um redimensionamento histórico do trabalho escolar público, democrático e de toda a população. Surgem então, novas teorias para explicar a superação do pensamento liberal na busca de um projeto pedagógico progressista. De acordo com o processo histórico seguem-se as pedagogias: “libertadora”, “libertária”, e “histórico-crítica” ou “crítico-social dos conteúdos” (ou ainda sociopolítica”). (pag. 42)

Essas pedagogias inicialmente pensaram como uma educação para o povo, de vivencia não autoritário, sem imposições, propondo uma educação que libertasse, uma educação emancipatória. As propostas da pedagogia libertadora idealizadas por Paulo Freire e libertária idealizada por Michel Lobrot, Célestin, Maurício Trangtenberg, Miguel González.

Para chegarmos a pensar como está o ensino de arte na atualidade precisamos pensar nessas novas correntes pedagógicas que guiam as novas formas de atuação na escola. A pedagogia libertadora proposta por Paulo Freire pretende a transformação da prática social das classes populares. Seu objetivo é conduzir a grande massa para a realidade e para a conscientização e por isso seu principal alvo é a alfabetização de jovens e adultos.

A pedagogia libertária visa a importância da autogestão e a autonomia vivenciada pelos alunos e professores. Acreditam na liberdade de teorias e metodologias, “alforriando-se” das prisões da sociedade. Outro grupo de professores influenciados pelos pensamentos de teórico-críticos de Jean Claude Passeron e Pierre Bourdier em busca de caminhos para a educação pública de baixa qualidade, difundiram a idéia da instituição escolar como aquela que é reprodutora de desigualdades sociais, difundindo assim idéias mais pessimistas com o papel da escola na sociedade.

Por último nos anos 1980 houve uma necessidade de ultrapassar a mera crítica-pela-crítica, pois na prática nada era feito na prática para uma mudança. A pedagogia sócio política visava:

- I)** Defender uma educação escolar pública de qualidade que deve ser um ato político efetivado, pois acredita que a escola é um dos meios para a transformação da sociedade e por isso, direito de todos os cidadãos;
- II)** A escola como aquela que garante aos estudantes o direito ao acesso ao conhecimento fundamentais para a vida social e profissional, mas esta não é a única responsável pela melhoria de vida das pessoas na sociedade;
- III)** Pensar que a educação escolar tem a predominância de muitos determinantes sociais, históricos, mas estes apesar da influência que sofrem da sociedade também podem – através da escola - devolver uma influência libertária a sociedade.

Essa concepção critica a educação e a escola. Pretende não ser uma mera reprodução social, mas visa um mútuo relacionamento entre escola e sociedade, fazendo com que a escola não somente absorva as concepções sociais e históricos e nela fique, mas que devolva a sociedade pela criticidade da ação, visando uma colaboração com a transformação da sociedade. Assim, a Nova Pedagogia, dita histórico-crítica pode mobilizar uma real valorização da escola, como diz Dermeval Saviani (1980),

Estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporações as contribuições de uns e de outros. Portanto, serão métodos que estimularão a atividade e a iniciativa dos alunos sem abrir mão da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e graduação para efeitos de processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos”. (pag. 60)

Nesta concepção de escola, métodos de ensino, professor e aluno se correlacionam mutuamente aos processos sociais e a cultura. Esses suportes sociais e culturais que já foram reproduzidos e estão sendo reproduzidos diariamente devem ser “pano de fundo” para o entendimento e concepção da realidade social.

Depois de fazer uma “viagem” nessas correntes da educação e escola, destacaremos onde o ensino de arte está nessa nova forma de educação. Na tendência pós-moderna e na Nova Pedagogia o ensino de arte defende a idéia de arte na educação com ênfase na própria arte, denominado por Eisner (2002) como o “essencialismo” no ensino de arte.

Hoje, no Brasil, a abordagem mais contemporânea é a Arte e Educação, comentada no início desse capítulo. A arte ligada ao conhecimento, portanto a cognição, Para Barbosa (2005) vem se imponto cada vez mais entre os arte/educadores brasileiros. A questão do ensino de arte muda, desde ‘como ensinar a arte’ à ‘como se aprende a arte’. Nesses novos estudos, nesses novos significados, novos olhares “ultrapassando o passado sem deixá-lo de lado”, afirma Barbosa.

Em 1980, com a redemocratização do país, quando surgiram as associações de Arte/educadores e os cursos de pós-graduação em ensino de arte, através do surgimento destes grupos, foram surgindo novos paradigmas, novas reflexões, professores que juntos, repensaram o ensino de arte para o ensino-aprendizagem na educação escolar. E esses mesmos grupos e associações que lutaram e lutam por leis que assegurem um ensino de qualidade, para que o ensino de arte se torne uma disciplina curricular obrigatória, com todas as suas especificidades (objetivos de ensino, conteúdos de estudos e sistemas de avaliação). Uma década depois, em 1996, através da luta dos Arte/educadores foi promulgada a obrigatoriedade do ensino de arte para toda a educação básica com a lei nº 9.394 na nova LDBEN que constitui a arte como conhecimento.

Segundo Silva & Araújo (2010), “Essa nova forma conceber o ensino de arte esta baseada no interculturalismo e na interdisciplinaridade e na aprendizagem dos conhecimentos artísticos, a partir da relação entre o fazer, o ler e o contextualizar a arte.”. Nessa concepção, contextualizar a arte o seu ensino deve conter diferentes linguagens da própria arte como área de conhecimento, Barbosa (1984) esclarece:

O estudo da interdisciplinaridade como abordagem pedagógica é central para o ensino de arte. A Arte contemporânea é caracterizada pelo rompimento de barreiras entre o visual, o gestual e o sonoro. O happening, a performace, e bodyart, a arte sociológica e ambiental, o conceitualismo e a própria vídeo art são algumas manifestações artísticas que comprovam uma tendência atual para o inter-relacionamento de diversas linguagens representativas e expressivas. Portanto, pelo isomorfismo organizacional, a interdisciplinaridade deve ser o meio através do qual se elaborem os currículos e a práxis pedagógica da arte. (pag. 68)

Depois do modernismo e o esvaziamento dos conteúdos em arte, Ana Mae Barbosa, em 1980, baseando-se em alguns novos pensadores em arte, contribui na abordagem para o ensino de arte, com atividades educativas experimentacionais desenvolvidas no museu de arte contemporânea (MAC) da universidade de São Paulo (USP), a proposta triangular do ensino de arte. Essa triangulação está baseada em três ações mentalmente e sensorialmente básicas: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização, tornando assim o ensino de

arte como conhecimento que valoriza o conhecimento nos seus aspectos culturais e sociais e o produto artístico como o processo de ensino-aprendizagem feito pelo o ser.

Através das concepções abordadas num caráter geral, mas didático, é possível concluir dizendo que as concepções de ensino de arte. Através dos contextos sociais foram acontecendo transformações na educação e por isso no ensino de arte. Esperamos que o presente estudo crítico sobre a prática pedagógica no ensino de arte possa ajudar na compreensão das atividades relatadas nas linhas do tempo dos estudantes de Pedagogia da UFC.



CAP3. A ATIVIDADE DA LINHA DO TEMPO:

3.1 O que é a atividade denominada como Linha do Tempo?

A atividade da linha do tempo foi criada e desenvolvida pela professora assistente Luciane Germano Goldberg, que leciona a disciplina de Arte e educação desde 2011, disciplina obrigatória que integra o currículo do curso de Pedagogia da UFC. Segundo Goldberg e Bezerra (2012), o objetivo da atividade era estudar o histórico do ensino de arte no Brasil tendo como ponto de partida as narrativas de vida de cada estudante participante da disciplina. Essa atividade é proposta para os estudantes tanto nos cursos diurno como no curso noturno. A disciplina obrigatória de Arte e Educação acontece no curso diurno no 2^a semestre e no curso noturno no 7^a semestre. No plano de ensino, a disciplina de arte e educação tem a tal justificativa:

A Arte, em suas variadas linguagens, como o teatro, a dança, as artes visuais e a música, é um elemento essencial para o desenvolvimento social, cognitivo, intelectual e afetivo, portanto, deve ser compreendida em sua amplitude e ensinada com responsabilidade e embasamento teórico e prático. A disciplina de Arte-Educação tem como ponto de partida, resgatar os processos educativos formativos em arte nas trajetórias de vida dos estudantes a fim de fazê-los refletir sobre seu próprio processo de formação artística, suas fragilidades e precariedades para, a partir daí, compreenderem o histórico do ensino de arte no país e a importância deste ensino para a formação humana. Nesse sentido, o estudante terá contato com conceitos e fundamentos importantes da Arte-Educação a fim de ampliar sua visão a respeito do ensino de arte, bem como o contato e a vivência com as expressões artísticas enquanto espectador. A arte não é um mero ‘passatempo’ ou uma atividade recreativa de lazer como vem sendo trabalhada há muitos anos enquanto processo educativo. É uma área de conhecimento extremamente importante que possui conteúdos, metodologias, tendências e objetivos específicos que devem ser estudados e aprofundados pelo pedagogo para sua prática futura. **(Plano de ensino disciplina de arte e educação, UFC. 2013)**

A disciplina de arte e educação tem como ponto de partida a atividade de narrativas de vida dos estudantes. Existem outras atividades, mas a linha do tempo é uma das maiores atividades da disciplina, ela tem a função de logo no começo “despertar” os estudantes a estudarem e tomarem conhecimento da sua própria história, a um resgate histórico, pelas suas narrativas e dos outros colegas de turma, para se sentirem um ser ativo na história. Cada um traz as suas marcas no seu trajeto de vida, todos viveram ou não a arte na escola. E isso é história! Isso é história viva em cada estudante.

A atividade da linha do tempo é uma atividade sem nota, mas que conta como atividade importante na disciplina, como é uma atividade que expõe a vida pessoal de cada estudante, alguns podem se recusar a apresentar para os outros colegas em sua turma, esses

estudantes podem fazer a sua linha do tempo e não apresentarem, mas como alternativa mandar para a professora, pois é uma atividade obrigatória. Uns quinze dias antes das apresentações a professora Luciane explica a atividade e expõe para a turma exemplos de linhas do tempo das turmas anteriores, exemplos com vídeos, slides em power point, fotos, para servir como inspiração para os estudantes e pede para que possam, desde já, ir atrás de fotos, vídeos, músicas, instrumentos, registros de arte, algum tipo de registro que teve na escola ou em outro lugar que possam “desenterrar” memórias, para que os estudantes possam reunir o máximo de material para expor para a turma.

Reunindo esse material, o estudante tem a liberdade de expressar de forma livre a sua história artística. Essa liberdade é maravilhosa, pois exercitam a imaginação dos estudantes a criarem as mais variadas formas de apresentação. Uns preferem ser apáticos, pois se acham sem criatividade, pessoas sem o “dom da arte” e apresentam em uma simples apresentação de PowerPoint, outros gostam de usar o PowerPoint para mostrar suas fotos, objetos, aventuras. Outros até arriscam trazer aquela flauta antiga e velha, mas que reproduz aquela mesma sensação e o som gostoso que se ouvia “quando se tinha tempo”.

O estudante tem que apresentar aquilo que preparou em no máximo 15 minutos. São muitos estudantes nas turmas, mas sempre tem aquele que possui um grande acervo de produtos artísticos, ou preparou um vídeo um pouco longo. Mas o mais importante é fazer com que o estudante de sinta um produtor artístico que se esforce para criar, apresentar de uma forma lúdica a sua história. A professora que desenvolveu a atividade da linha do tempo, Luciane Germano Goldberg, afirma que pensou em algo que pudesse fazer os alunos se interessassem pela história do ensino de arte no Brasil. Para estudar a Arte e educação os seus princípios, suas tendências a sua história precisa-se conhecer o processo histórico em que se deu aqui no Brasil. E para isso foi pensada a linha do tempo. Afirma Goldberg e Bezerra (2013),

No entanto, estudar a história desses processos apenas com base nos fatos e nas referências teóricas pode tornar-se muito distante da realidade dos estudantes, os quais dificilmente conseguiriam relacionar tais fatos históricos à sua vida hoje. Desta forma, é preciso contextualizar tais conteúdos numa perspectiva histórica, social e ao mesmo tempo atual e individual. Trabalho semelhante a este, envolvendo histórias de vida e estudo.

Essa atividade de narrativas de vida foi criada em outra instituição de ensino, seu início foi em 2008, na disciplina Fundamentos e História da Arte-Educação, no Curso de Pós Graduação em Arte e Educação *Lato Sensu* da Faculdade 7 de Setembro localizada em

Fortaleza, capital do Ceará., e se manteve com o seu mesmo formato e mesmo objetivo. Com a mudança de instituição da professora, ela levou também a atividade para a UFC. Segundo Goldberg e Bezerra (2012) nos relata como iniciou a atividade:

O objetivo da atividade era estudar o histórico do ensino de arte no Brasil tendo como ponto de partida as narrativas de vida de cada estudante participante da disciplina. Estes foram convidados a fazer uma atividade que integrava as seguintes etapas: (1) elaborar individualmente e fora da sala de aula, um pequeno inventário de suas vidas, focando nas experiências formativas em arte desde a infância até a atualidade e, posteriormente, compartilhá-lo com o restante do grupo por meio de uma narrativa oral, com a utilização de recursos por eles escolhidos; (2) síntese reflexiva em que o grupo se debruça sobre as narrativas, interpretando-as e fazendo análise crítica de tudo que foi compartilhado; (3) estudo do Histórico do Ensino de Arte relacionando com o conteúdo das linhas do tempo apresentadas; (4) elaboração de análise crítica textual contendo 3 etapas: análise geral de todas as as Linhas do Tempo apresentadas, análise individual e auto-avaliação e, por último, análise crítica dos conteúdos que emergiram relacionando com o histórico do ensino de arte no Brasil.(pg.02)

Segundo ela, após as apresentações, de todas as narrativas de vida, os estudantes fazem uma análise crítica, que serve para registrar as ligações que os alunos observaram nas linhas do tempo dos colegas. As semelhanças, as críticas, as lacunas existentes naquilo que viram e ouviram. Esse é o momento de discutir as tendências, concepções do ensino de arte no Brasil, nesse momento inseridos no assunto, pela atividade feita. Depois da linha do tempo fica mais claro a quem que a arte serviu e serve no Brasil. Depois das apresentações os estudantes estão mais sensíveis à discussão sobre histórico do ensino de arte, onde se deparam com as atividades repetidas, o tecnicismo inserido na escola nas aulas de arte, os momentos de não fazer nada nas aulas de arte.

3.2 Análise geral da linha do tempo

A problemática do ensino de arte fica mais visível quando os estudantes narram suas vivências, pois validam o lugar que a arte ocupa hoje na sociedade, demonstrando a visão que se tem sobre ela na família, na escola e no contexto social como um todo. **(GOLDBERG E BEZERRA, 2012. 04)**

Por meio deste trabalho, pude observar de um modo mais aprofundado, sobre a atividade da linha do tempo, as suas raízes, pensar o que há por trás de cada trajetória escolar ou não com a arte. E por esse trabalho posso relatar o que penso mais detalhadamente sobre essa atividade, pois assisti muitas apresentações, de alunos mais novos a mais velhos, assisti

apresentações de colegas de turma, como de pessoas que passei a conhecer. Assisti histórias de dor e de alegria. Momentos de intimidade são compartilhadas, momentos em família, momentos de frustrações. Por isso tenho o cuidado da preservação da imagem dos estudantes, pois entendendo, ser algo muito pessoal o que é compartilhado nas apresentações.

Eu, Sara, fiz minha primeira linha do tempo em 2011, depois fiz outra em 2013. Apesar do intervalo de tempo, acredito que muitas coisas mudaram em meu modo de ver realmente o que é a arte, saber onde ela está e onde não está. Saber as suas falhas e seus pontos positivos. Talvez se eu fizesse outra linha do tempo hoje seria diferente de 2011 e 2013, por que nossos olhares sempre estão em busca de experiências e por que aprendi a sempre procurar pelo conhecimento estético. Por que sempre estamos renovando nosso pensamento sobre o mundo e as coisas. Por que o meio nos transforma constantemente.

Na minha primeira apresentação, quando ainda fazia a disciplina, tive muitas dificuldades de saber onde a arte estava presente. Logo, quando a professora pediu que apresentássemos a nossa trajetória, pensei comigo, “não tenho nada, não tenho arte na minha vida!”. Ao assistir apresentações dos meus colegas, as mesmas atividades infantis, as mesmas experiências foram me fazendo perceber que existiu sim um pouco de “arte” na minha vida que estava no fundo da minha memória. Também me veio a lembrança de experiências artísticas escolares com o teatro, algo bem amador, mas que teve seu significado e que foram apagadas pelo tempo de estudo, onde aos poucos fui colocando o papel e as sensações da arte somente como espectadora. Fui percebendo que a dúvida era geral da sala ao se depararem com a pergunta “onde está a arte na minha vida?”, de olhar para a vida e esquecer onde a arte está, de lembrar-se da existência da arte. Esse exercício de lembrança trouxe a tona muitos fatos ocorridos na minha vida que relatei neste trabalho na justificativa pessoal.

Ao ver as apresentações dos meus colegas de turma via o quanto a arte pode “determinar” na vida de um sujeito. Muitos, filhos de pais artistas, têm uma trajetória artística maior do que os outros estudantes. Mesmo não optando pela carreira artística, a pessoa tem uma experimentação do que seja a arte. Mas a grande maioria dos estudantes do curso de pedagogia não pertence a família de artistas, pode ter um ou dois familiares que possam ter até acesso a arte fora da escola de alguma forma (no meu caso, que tive um irmão que desenhava) que pode influenciar um pouco, mas aqueles que não tem familiares artistas a única forma de acesso a arte será a escola.

Esta (a Escola) tem por obrigação, antes mesmo dos pais serem artistas ou não, proporcionar o ensino da arte integralmente aos seus estudantes. O problema está quando a escola se omite ou se recusa a este papel. Este é o trabalho investigativo que pretendo

analisar, observar essas atividades do ensino de arte da cidade de Fortaleza com graduandos de pedagogia, através de narrativas de vida. Relato também como alguém que participou desta atividade e o que vi e ouvi na época das apresentações da minha turma como graduanda e como monitora.

O meu olhar também mudou no momento que passei de estudante à monitora da disciplina, pois pude acompanhar todas as apresentações deste trabalho entre outras coisas que aprendi. No início, as apresentações são prazerosas de se ouvir as histórias, poder olhar os alunos sentindo um prazer em falar de si, compartilhar fatos curiosos, alegrias e tristezas, discursos revoltosos, choros, catarses... enfim, um misto de expressões. Deparamo-nos com diferentes reações dos estudantes ao exporem suas histórias. Acredito que muitos alunos se sentem constrangidos ao se apresentarem, no curso diurno os estudantes estão no 2ª semestre, quase recém chegados na universidade. Muitos se apresentam com muita vergonha de se expor para uma turma. Já no curso noturno, a disciplina é ministrada no 7ª semestre, onde os estudantes estão acostumados a se apresentarem em público, outros já são até são professores e geralmente tem mais idade.

Dependendo da quantidade de estudantes das turmas a atividade dura em torno de um mês. E cada um tem direito a no máximo 10 minutos de apresentação, apesar de curto o tempo por conta da quantidade de estudantes, que é muito alta, esse tempo servirá para a partilha de experiências artísticas, da infância à fase adulta. Na metade das apresentações das linhas do tempo, com o passar dos dias vão se tornando enfadonhas, cansativas. Por alguns motivos: as mesmas vivências de atividades pedagógicas, aqueles que se dizem não ter nada de arte na vida, outros pelo motivo da falta de criatividade ou a apresentação “feita de qualquer jeito” com a sua própria história.

Essa formas “mal feitas” de apresentações também tem um porquê. Geralmente quando gostamos de algo ou tivemos o mínimo de acesso possível a algo, tentamos falar de uma forma mais explicativa ou criativa. Quando não temos acesso a arte geralmente não temos o que falar sobre ela, se torna assim desinteressante, é até mesmo frustrante não saber o que falar. Quando o estudante percebe que seus outros colegas viveram algo como um simples curso de dança ou de teatro, ele automaticamente se exclui e se considera fora da lista dos “agraciados”, mas não pelo acesso que foi retirado como direito, mas aceita essa exclusão como um não merecimento dos “dons divinos” que foram negados pelas “divindades”. Esse estudante se conforma por não ter esses “dons” e fica passivo diante dessa situação.

Com muita propriedade de quem já assistiu a muitas apresentações e vivência pessoal, encontramos de uma forma até mesmo assustadora as repetições de algumas atividades

pedagógicas. Dentro das apresentações o que mais aparecem são essas atividades pedagógicas e dentro dessas atividades a mais encontrada talvez seja os desenhos prontos das capinhas de provas. Os estudantes ao falarem sobre isso usam imagens da internet, nunca vi algum estudante levar uma capinha de prova original guardada (o que pode ter acontecido, mas que não presenciei). Posso usar uma hipótese, das mães não terem guardado essas provinhas, pois para elas não havia sentido e nem algo novo para ser lembrado futuramente, pois em um desenho pronto não há originalidade de quem pintou, pois é um desenho feito por outros e não próprio daquele estudante. A importância estaria somente nas provas. A capinha de prova servia como uma ilustração que não servia para ilustrar, pois era vazia. O que mais me impressiona é que praticamente todos os estudantes narram essas mesmas experiências de ilustração das capinhas de provas com muito pesar.

Depois das capinhas de provas, sempre falam das atividades de arte como colocar algodão na barba do papai Noel, plantar feijões, colar sementinhas, pintar as mãos e colocá-las sobre o papel. Poucas pessoas falam de usar tintas nas aulas de arte, usaram mais lápis de cor, lápis de cera e todos falam do uso da massinha de modelar com muita alegria e satisfação, como o melhor dia, mas que não acontecia com muita frequência. E os estudantes narram com um certo desgosto e podemos nos perguntar o 'por quê', e a resposta me vem da lembrança dos rostos de cada estudante em suas apresentações, me vem no pensamento aquela fala aligeirada, uma fala desinteressada, como algo repetitivo, sem sentido, sem expressão, sem algo novo a ser compartilhado, mas que não saiu da memória, talvez pelo fato de presenciarem até hoje tais atividades.

Existem também em uma grande maioria das apresentações foto dos desfiles do dia 7 de setembro dia da independência do Brasil. Muitos narram que desfilavam fantasiados de soldados. E que isso contava como arte. Como um dia que marca os desfiles de militares pode ser aula de arte? onde há expressão? Quase todos os estudantes afirmam ter participado desses desfiles. Há ainda outros tipos de desfiles, as estudantes falam que tinham os desfiles de rainhas e princesas. Muitas meninas exibiam com muito orgulho faixas, fotos de pódios, mas pensamos, enquanto as outras? Como ficavam? Existia um separatismo, e estereótipos, e a valorização de algumas belezas e não valorização de outras.

Infelizmente há aqueles estudantes que assumem que não tiveram absolutamente nada de arte e estes não levam nada, por que realmente nada têm. Isso me causa uma tristeza profunda, mesmo que tenhamos pouco da arte na nossa vida temos um olhar mais sensível das coisas. Olhar para si e não enxergar nada artístico é deprimente, é uma vida mecânica, sem graça, massificada, sem sentido. Dentre esses que se dizem nunca ter feito nada artístico, mas

que levam as suas experiências como “espectador” da arte. Não somente aqueles que não se dizem incluídos na arte, mas todos levam suas experiências como espectadores da arte. Um exemplo disso são os estudantes que acrescentam na sua apresentação seus gostos musicais, seus filmes prediletos, desenhos animados, quadrinhos, livros, programas de TV e visitas a museus. Em sua grande maioria já colocam as suas músicas preferidas como fundo musical como uma demonstração de algo que lhes agrada no seu trabalho. Encontramos todo tipo de músicas que os estudantes mostram, são gostos variados. São muitos os filmes mostrados já assistidos atuais e antigos, os desenhos animados e quadrinhos que são dos anos 90 ou tempos anteriores.

Outro tipo de arte que os estudantes mostram muito contentamento é a leitura. Os estudantes demonstram uma grande paixão pela leitura, essa vertente da arte que faz os estudantes viajarem no mundo da imaginação pela literatura. Ao apresentar a leitura e a escrita, a escola esteve mais próxima, auxiliando, apresentando de uma forma mais vasta. Afinal a escola se especializa mais na língua portuguesa, na escrita e na leitura. Muitos estudantes levam cartinhas que davam pra suas mães, diários, agendas e mostram como uma forma de expressão. Há também estudantes que levam fotos de viagens, lugares que conheceu, museus que visitou. Uma boa parcela destes mostram (pela apresentação da linha do tempo) que foram poucas vezes aos museus, cinemas e teatros. Tiveram mais contato depois que entraram no ensino superior, pois mostram fotos de visitas a museus quando foram em alguma disciplina. Em minha observação vi poucas pessoas com fotos em teatros, muitos dizem que iam ao teatro, mas que não tem registros e outros que nunca foram, ou que foram raras vezes.

O contato com os livros, os filmes, as músicas, desenhos animados, quadrinhos, viagens, visita a museus e teatros é uma forma de arte, uma forma de cultura que também podem formar uma personalidade, e esta, pode também alargar o contato dos estudantes com o mundo, torná-los mais sensíveis ao seu redor, portanto existindo a possibilidade de se tornar um ser crítico. Essas formas de arte também são formas de expressão, formas que estes estudantes falavam com muita empolgação apresentando. Acredito que todos nós temos, todos os dias, nossos contatos com essas formas de arte, como expectadores, como alguém que absorve para depois passar adiante ou para preencher nossos espaços vazios.

Muitos estudantes puderam ter experiências na dança na escola no ensino fundamental e médio e se apresentavam nas feiras ou gincanas, ensaiavam, mas quando tiveram que estudar para o vestibular ou começar a trabalhar abandonaram suas atividades artísticas. Outros dizem que fizeram cursos de violão, guitarra, violino, bateria... e que adoravam, mas

que também só fizeram até estudar para o vestibular. Outros desenhavam, pintavam mas que com o passar do tempo foi se deixando de fazer ou pelos estudos ou pelo trabalhos ou por afazeres religiosos. Para fazer as suas apresentações na linha do tempo os estudantes tiveram que relatar o que tiveram de arte e lembrando dessas atividades que deixaram, atividades estas que ao falarem demonstravam gostar muito, demonstravam fazer algo que lhes dava algum prazer. Mas por algum motivo de “força maior” tiveram que abandonar. Existem também aqueles que fizeram o contrário, que dançavam, atuavam, desenhavam no fundamental I, mas que pararam e não sabem porque pararam. Ao iniciarem a adolescência ou a vida adulta entraram em uma instituição religiosa e daí então puderam voltar para as artes. Segundo Goldberg e Bezerra:

Boa parte de suas experiências narradas ocorreram na escola ou em grupos religiosos - geralmente na Igreja Católica ou em diferentes denominações evangélicas. As instituições religiosas ocuparam um espaço ainda mais significativo que a própria escola. Enquanto a escola se limitou a oferecer atividades mecânicas como a recorrente utilização de modelos prontos ou a reprodução de coreografias e pecinhas de teatro exibidas em datas comemorativas; as igrejas proporcionavam a criação e a oportunidade de expressão desses jovens. Importante observar que enquanto a escola reprimiu ou castrou a criatividade gerando a frustração e a baixa auto-estima as instituições religiosas proporcionaram a crença nas potencialidades criadoras por meio da fé. Desta forma, muitos se descobriram cantores, músicos, pintores, coreógrafos e bailarinos. (2012, 07)

A religião é um dos pontos mais fortes das apresentações, e Isso é tão forte que é impossível não perceber. Aquilo que a escola negou a igreja ofereceu com abundância. É na igreja que muitos encontraram de volta o fio prazeroso da arte. A Escola e a Igreja sempre foram lugares em que a maioria dos estudantes teve seu maior contato com a arte.

Também podemos notar que a visão dos estudantes com relação às vivências com a arte ocorre somente nas datas comemorativas. Os relatos são muito claros e demonstram que a arte se concentrava somente e unicamente nas datas comemorativas. No dia do índio, as professoras pintavam seus alunos ou fazia um chapéu com uma pena. Falava do índio como uma figura boa e que se pintava, mas esquecia do seu papel na sociedade e do seu esquecimento e abandono. Uma figura distante e folclórica imaginária, lembrada uma vez no ano. Outro dia muito citado, dia das mães. Esse dia, tem muitas apresentações artísticas, no qual muitos tem fotos, pois quem registrava eram as próprias mães. E a escola fazia questão de registrar e fazer apresentações para as mães para “mostrar serviço”, mostrar que a criança tem um potencial artístico. Que ela sabe ler, cantar, dançar, interpretar... mas tudo isso é somente para apresentar e satisfazer as mães e não proporcionar a arte e a ludicidade para as crianças.

Sempre nota-se a presença das datas comemorativas nas apresentações, dos mais novo aos mais antigos. Posso também citar outra atividade campeã apresentada pelos estudantes de pedagogia: a festa junina. Essa tem uma presença maciça de estudantes que relatam terem participado. E em muitas linhas do tempo tem fotos com uma ordem cronológica. Muitos começaram se apresentando em festas juninas desde muito pequenos até a adolescência. Se tornou quase uma regra das escolas, toda criança tem que dançar quadrilha, dançar o São João. O São João é uma forma muito representativa da cultura nordestina e as crianças aprendem desde muito cedo. Eu, cearense, nunca dancei em festas juninas, pelo fato da minha vergonha, mas assisti a muitas apresentações. A escola ganha em apostar e incentivar a participação nas festas juninas, mas erra ao apresentar somente esse mecanismo da cultura. Somente esse tipo de dança. Dança essa, que está toda pronta, que não dá a criança/adolescente/adulto algo novo ou diferente. A escola limita-se a mesma dança todo ano, por ser uma tradição, mas que é uma mera reprodução de séculos, que vai de contra os objetivos de uma aula de arte, pautada no movimento de arte e educação como conhecimento.

E, por ter sido alguém que passou pela experiência de apresentar uma linha do tempo, posso ter também ter um olhar mais apurado sobre as apresentações e ver as diferenças entre os estudantes, as diferentes formas de olhares, a diversidade de idéias para expressar de uma forma única a sua trajetória artística. Através desta atividade notamos que a arte ainda sobrevive em meio a escassez da vida e da escola. Pude notar que ainda existe falta de formação teórica e prática em alguns estudantes de pedagogia, um exemplo disso é que percebe-se em algumas apresentações de estudantes que já são professoras da educação infantil e que, sem querer, mostram que ainda usam o mesmo modelinho de desenhos prontos, que esta reproduzindo a mesma “aula arte” que teve.

Essa atividade da linha do tempo tem um objetivo de fazer conhecer o histórico do ensino de arte através das linhas do tempo de cada estudante. Cada estudante é um sujeito histórico, que passou pelos mesmos processos e é nesses processos que identificamos como a arte era e é tratada na nossa sociedade. Mas também pelas narrativas de vida identificamos situações de descoberta de si mesmo, amor pela arte (porque toda criança adora a arte) e aptidões.

Percebemos que alcançamos o fim maior da atividade: o da transformação da consciência do papel do educador frente ao ensino de arte. Ao tomar consciência de seu próprio processo formativo em arte, identificando todas as fragilidades engendradas neste processo, além de reconhecer a importância que a arte tem para a formação humana, surge o desejo de mudar essa realidade e de proporcionar a outras

peças Linhas do Tempo mais felizes e ricas, permeadas de experiências artísticas de qualidade. (Goldberg e Bezerra 2012, 10)

A partir da linha do tempo encontramos motivos para voltar a fazer arte, de viver mais a arte e ainda mais poder proporcionar as escolas um ensino de arte transformador. A linha do tempo tem o poder de mudar pensamentos, de fazer enxergar as nossas necessidades de arte, sejam elas quais forem.

Cap4. A LINHA DO TEMPO E AS NARRATIVAS: TURMAS ESCOLHIDAS PARA A PESQUISA:

4.1 As apresentações a serem analisadas a 2013.1 e 2013.2:

Neste capítulo falarei especificamente das linhas do tempo do curso diurno de pedagogia do semestre 2013.1 e do curso noturno de pedagogia do semestre 2013.2. Os dois cursos escolhidos fazem parte do período em que eu estava nessas turmas como monitora da disciplina de arte e educação. Farei uma análise mais específica sobre as duas turmas. Fazendo um detalhamento de cada turma, separadamente 2013.1 e depois 2013.2, pois existem especificidades próprias de cada turma, dentro do curso diurno e noturno.

Serão analisados 17 trabalhos da linha do tempo no curso diurno da turma de 2013.1. E 23 trabalhos da linha do tempo no curso noturno de 2013.2. Ao todo serão 40 trabalhos, linhas do tempo dispostas em vários formatos, vidas compartilhadas, um trabalho acadêmico que traz em si histórias, e diferentes trajetórias de vidas. Caminhos de vidas diferentes, mas ao mesmo tempo tão parecidas, regidas sobre a mesma sociedade, portanto sobre as mesmas instituições.

4.2 Curso diurno, turma 2013.1:

Pela minha passagem nessa turma, lembro-me de que era pacata, poucos manifestavam a sua opinião sobre os textos, especialmente no assunto arte. No primeiro dia de aula, a maioria dos estudantes dizia que não sabia, desenhar. Eram nítidas as resistências sobre o que seria a disciplina, pensavam que seria um curso para aprender a fazer algum tipo de arte. Muitos não imaginavam que a disciplina iria discutir com sobre o que seria a arte e educação, e não limitada somente ao fazer arte.

Nos apêndices, descrevo as atividades explicitadas nas linhas do tempos, estudante-por-estudante também descrevo a idade de cada estudante. Cada estudante terá a representação de um número para a não exposição do sujeito da pesquisa.

4.3. Curso noturno, turma 2013.2:

Fui desta turma como monitora, lembro-me de encontrar uma sala com estudantes mais silenciosos, mais cansados, para alguns, exaustos depois uma jornada de trabalho. A maioria mostrava-se mais passiva nas aulas. Somente prestavam atenção, com poucas contribuições ou dúvidas. Aparentemente não se interessavam pelo assunto da arte, poucos contribuíam, os que mais falavam eram os alunos de outros cursos.

Como na turma diurna sempre tinham um discurso de não saber desenhar, de não ter esse dom. Os estudantes pensavam que seria uma aula para aprender a desenhar, por isso mostravam resistência. Ao se depararem com uma disciplina com metodologia, com conteúdos, com atividades perceberam que a disciplina seria mais séria.

Nas apresentações das linhas do tempo, todos se apresentaram, alguns com apresentações no formato de power point, outros com vídeos com fotos, outros com álbum de papel cartolina com fotos... são variadas formas. Alguns estudantes são tímidos ao falarem de si, outros mais desinibidos. Há sempre um respeito pela vida do outro que está sendo apresentada.

Nos apêndices, descrevo as atividades que mais aparecem na linha do tempo dos estudantes, estudante-por-estudante, descrevo a idade, as atividades mencionadas na linha do tempo pessoal de cada um. Cada estudante terá a representação de um número para a não exposição do sujeito da pesquisa.

4.4. Décadas dos estudantes de pedagogia 2013.1 e 2013.2:

Analisando os dados obtidos nas linhas do tempo, as décadas do nascimento dos estudantes de pedagogia das turmas 2013.1 e 2013.2:

DÉCADAS:			
1960	1970	1980	1990
1968	1975	1980	1990
1968	1976	1980	1990
	1977	1981	1990
		1982	1990
		1982	1990

		1984	1990
		1985	1991
		1986	1992
		1987	1992
		1988	1992
		1988	1992
		1988	1993
		1989	1993
		1989	1993
		1989	1993
			1994
			1994
			1994
			1994
			1995
			1995

CAP 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. Arte é qualidade e exercita nossa habilidade de julgar e de formular significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras. E o limite da nossa consciência excede o limite das palavras (BARBOSA, 2010)

Neste capítulo, apresentaremos as análises dos dados coletados. Primeiramente, dissertaremos sobre os dados colhidos das atividades da linha do tempo do capítulo anterior. No segundo momento complementaremos a leitura interpretativa das análises das atividades de arte da micro linha do tempo (dos estudantes) como macro Linha do Tempo da História do Ensino da Arte no Brasil.

5.1. Reflexão sobre ou leitura dos dados obtidos:

“a garotinha amava a escola principalmente na hora de voltar pra casa.” (Fala de uma estudante alvo dessa pesquisa)

O objetivo da linha do tempo eram os estudantes apresentarem as suas experiências artísticas e trazer junto as muitas recordações do que seja a arte na vida de cada um, na escola, em casa, na rua, na praia, fora da escola (para muitos). Porém, nessa pesquisa buscar-se-á registros com que se refere ao ensino de arte na escola (exclusivamente), pois esse é o objetivo desse trabalho.

Ao analisar os dados dos estudantes de pedagogia dos cursos diurno e noturno, percebe-se que a maioria dos estudantes tiveram acesso a um “ensino de arte”, que na escola havia um tempo determinado para as atividades de artes, porém, atividades que nem sempre eram atividades de arte ou criação.

Fazendo uma breve leitura dessas atividades recolhidas nessa pesquisa, nota-se que a grande campeã são as datas comemorativas. Esses dados nos mostram fotos antigas, vídeos, desenhos, bilhetes, capas de provas, materiais que eram confeccionados. Tudo girava em volta das grandes datas comemorativas do país. Encontramos: atividades com o carnaval, com a páscoa, com o dia do índio, dia das mães, com as festas de são João, dia dos pais, comemoração do dia 7 de setembro, com o dia das crianças e com o natal. Todos os estudantes ao relatarem suas experiências com o ensino de arte na educação infantil e

fundamental mostram as fotos dessas vivências nesses respectivos dias. No quadro a seguir apontamos as atividades relatadas e quantas vezes aparecem:

Datas comemorativas na escola:	Quantidade de estudantes que citam nas linhas do tempo:
Apresentou-se em festa junina	28
Atividade para a páscoa	10
Desfile do dia 7 de setembro	9
Atividade para o natal	7
Festa do abc	6
Atividade para o dia das mães	4
Atividade para o dia do índio	4
Atividade para o dia das crianças:	2
Atividade para o dia dos pais	1

A tabela acima mostra a quantidade de alunos que vivenciaram tais atividades em suas apresentações da linha do tempo. Para eles (estudantes), as datas comemorativas representam o ensino de arte na escola. Muitos alegam que não tem registros, ou que não lembram. E quando lembram - segundo os dados - é somente das datas comemorativas, como: “datas marcantes” (fala de uma estudante), onde expressa realmente o que ficou de mais forte nesse ensino. Dentro dessas atividades de arte relatadas, que são as várias datas comemorativas, está uma data que foi compartilhada por quase todos os estudantes: As festas juninas ou o São João. Que segundo Pessoa (2007) explica um pouco qual seria a identidade dessa atividade :

Devido à centralidade da figura de Jesus Cristo na cultura ocidental, o ciclo natalino quase sempre aparece como o mais importante. Mas, considerando-se a diversidade de elementos e a antiguidade da origem de muitos deles, o ciclo das festas juninas é igualmente bastante significativo. Em termos religiosos, ele é marcado sobretudo pelas festas de Santo Antônio, São João e São Pedro. (...) Mas há nelas também fortes identidades católicas, manifestas principalmente nas rezas de terço e devoção aos santos. Até se pode dizer que as festas juninas são tradicionalmente festas religiosas. É que, ao longo dos séculos, a Igreja Católica foi assumindo a maioria dos símbolos das festas juninas, inserindo nelas a sua lógica organizativa e os seus valores religiosos e rituais. (pag. 37 e 40)

As festas juninas são atividades de cunho lúdico, que faz parte da nossa cultura cristã ocidental, mas que a muito tempo foi (e é) a única representante da arte na escola, principalmente no que se refere a dança. Os tempos passaram, novas culturas foram criadas,

novas manifestações artísticas como corpo, o mundo se modernizou, mas nas atividades da linha do tempo, desde os mais velhos em meados dos anos 1960 aos mais novos em 1995, continuaram as mesmas fotos, as mesmas roupas, os mesmos ritmos, as mesmas festas juninas.

A tabela mostra que foram 28 vezes que o termo “festas juninas ou são João” apareceram, a grande maioria dos estudantes viveram essas atividades. Alguns participaram dessas festas na educação infantil, fundamental e médio e alegavam que todos os anos participavam assiduamente. Eles não mencionam se era uma atividade obrigatória. Pelo o que percebemos que essas atividades juninas eram mecânicas e sem criatividade e envolvimento dos estudantes. A dança já era imposta de uma forma rígida, sem modificações ou sem estudos de novas formas, os estudantes ensaiavam os passos (já prontos) que lhes eram dados, e depois de decorados apresentavam para toda a escola.

A festa junina no estado do Ceará representa a nossa cultura, representa tempo de festa, dança e comidas típicas e segundo os registros as quadrilhas, festas juninas ou arraias divertiam toda a comunidade escolar. Não querendo tirar o caráter tradicional da cultura, mas percebe-se que não havia nenhum desenvolvimento em nenhum momento da capacidade de criar, de desenvolvimento de movimentos com o corpo, ou descoberta do corpo, ou até mesmo outras descoberta de novas culturas ou vivencia com danças ou movimentos culturais do Brasil ou do mundo.

Nas linhas do tempo, os registros sobre as festas juninas é sempre uma foto caracterizado(a) como um(a) caipira, com ‘roupas rasgadas’, os ‘dentes pintados’ ou as meninas com seus vestidos florais e com muitos “babados” na barra dos vestidos e essas caracterizações era a parte mais interessante, pois fazia parte dos registros para os pais ou a família, retirando o foco do conhecimento artístico da própria atividade em si e colocando o foco para a vontade dos pais em verem seus filhos vestidos como tais, pois provavelmente, estes viveram as mesmas festas juninas.

Podemos nos perguntar, por que essa é (talvez) a única manifestação popular na escola e por que é a única que se mantém até hoje na escola. Por que é uma atividade que existe na escola, por que perdurou e perdura até os dias de hoje, essa atividade de são João pode ser considerada como uma atividade artística?

As festas juninas marcam o período de junho e quase todo o Brasil celebra essa cultura popular, mas principalmente o nordeste, se faz viva e presente no cotidiano dos nordestinos. A escola como um reflexo da sociedade também mantém viva a cultura dessa data, escolas particulares e públicas, sem distinção vivenciam o dia de São João. Não querendo tirar a

importância desses festejos para os nordestinos, especificamente, para os cearenses, mas para uma reflexão além das aparências Rabelo (2001) fala que a arte na educação tem por objetivo o desenvolvimento do pensamento artístico e a percepção estética e ampliação da sensibilidade, a reflexão e a imaginação e mais ainda, a expressão dos estudantes. Nessa lógica podemos pensar se a escola pela utilização das festas juninas, como atividades de arte, está promovendo um ensino de arte nessa perspectiva. Essa atividade não é pensada pelos estudantes, é somente vivenciada como todos os anos, havendo somente um comando de passos e danças, havendo somente uma repetição sem contextualização alguma.

A atividade das festas juninas como é vivida hoje nas escolas não traz para os seus estudantes um desenvolvimento integral dos estudantes como propõe o ensino de arte e educação. Nessa perspectiva, não aponto para a retirada da atividade de festa junina mas uma transformação desta. Para que esta promova o desenvolvimento dos seus estudantes ela possa partir do interesse destes e de um processo de criação que possa partir dos próprios estudantes.

Outra atividade que aparece muito nos dados são atividades relacionada com outra data comemorativa o dia das mães. São danças, materiais, músicas cantadas cartinhas, desenhos prontos... um dia que celebra a vida da mãe de cada estudante, isso é válido, sem dúvida. A dança aparece de forma bastante significativa, no entanto, percebemos nos relatos que algumas vezes a dança é realizada com a função de promover as festividades comemorativas da escola esquivando-se do sentido sensível dessa linguagem para o estudante. rebaixando a arte somente de enfeite em vista de algo ou alguém essa também não é a finalidade da arte. Tanto no dia das mães ou dos pais as apresentações sempre estão em volta de agradar aos pais, fazendo com que seja “bonitinho”, tudo é produzido em favor para que os pais gostem e possam assim confiar na escola. Mais uma vez a arte não é valorizada por ela mesma, o objeto não é a arte e nem a criança, mas o valor que os pais vão dar, a preocupação esta voltada para a conquista dos pais.

Outra data comemorativa que aparece muitas vezes nos dados é a páscoa. É uma data completamente pertencente a cultura ocidental e está dentro da cultura brasileira. Os alunos relatam que a data era comemorada com orelhas de coelho, ou pinturas em desenhos prontos. Nos dados dessa pesquisa não se consegue perceber nada com a conotação religiosa. Ou se tem se a escola ofereceu o direito de escolha pela liberdade de culto. A arte é classificada como um adorno para outra data comemorativa, somente um utensílio. Como algo cristalizado, mecânico.

Além das datas como dia da mães, pais, páscoa ainda existe também uma data em que todos os estudantes tem fotos e falam que fazia parte das aulas de arte na escola, era a comemoração do dia 7 de setembro. No que foi analisado, via-se fotos de alguns fantasiados de soldados, outros machando como se fossem soldados. Como comparar a arte e toda a sua sensibilização, criação, formas de enxergar o ser humano e a natureza com a rigidez e frieza da militarização? Como essa data de 7 de setembro pode se tornar uma aula de arte? o que ensina para as crianças? São essas as perguntas que nos fazemos ao nos deparar com tais imagens. Fazer da aula de arte algo voltado para o ser militar, que lembra a guerra e a morte é algo que deve haver uma profunda reflexão a comunidade escolar e ao país.

Uma data que os alunos apontam como arte na escola é o dia do ABC. O ABC era a festa de conclusão da educação infantil, era a inclusão da criança no mundo das letras, algo tão importante para a escola e para a sociedade que existia uma festa para tal dia. A escola sempre se preocupou com o letramento, a escrita e leitura tem a sua grande importância e junto com a matemática eram as prediletas do sistema escolar. Deixando de lado outras áreas. O que podemos comparar o ensino de arte com a o ABC? Onde encontramos arte nessa data? Em nada. Em uma festa dedicada a uma área específica do letramento e que nada tem a ver com o ensino da arte na escola.

Existem duas datas que fazem parte dessa lista de dias comemorativos e que na visão da escola eram tratadas como “arte” que é o dia do índio que é mais uma vez caracterizada como assessorio para outro conhecimento. Atividade repetidas como uma pena na testa, uma roupa de índio e pinturas no rosto. Nos dados são as mesmas manifestações, as mesmas atividades, o que parece é que a criatividade se esgotou ou nunca existiu. É um “dever “ se fazer tais atividades para se lembrar que o índio existiu a muito tempo como uma figura “bonitinha” e simpática, esquecendo-se do índio como guerreiro e toda a sua historia de luta e sangue. É uma atividade que já se engessou dentro do calendário escolar. Outra atividade engessada no calendário é a época em que se antecipa o natal, os estudantes de pedagogia trazem as fotos vestidos de vermelho como se fossem o papai Noel ou relatam a realização de trabalhos manuais, como desenhos prontos como o desenho da uva, do pão e da vela, onde as crianças somente pintavam por dentro, em algumas vezes, com uma legenda de cores já exigida, esquartejando a inteligência da criança, mostrando que ela é incapaz de colorir um desenho por si só, o que vai de total oposição ao ideal da arte.

Vemos que o que se representava no ensino de arte nas linhas do tempo eram algo que não correspondia ao que realmente era a arte. Além das datas comemorativas existem o desenho pedagógico que eram os desenhos prontos ou contrario que eram os desenhos livres, ou

totalmente espontâneos que de nada serviriam a não ser como utilidade para ser a capa da prova. Nesse sentido, Goldberg, Olinda e Bezerra(2012) ressaltam :

A presença dos modelos prontos e das atividades apenas reprodutivas, principalmente na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, revela a predominância de práticas educativas antigas e ultrapassadas que remontam às formações de magistério em que a arte servia apenas para decoração e para ornamentações nas datas comemorativas. Nos cursos de nível médio para formação de educadores, as(os) candidatas(os) ao magistério aprendiam “desenho pedagógico”, uma coleção de desenhos prontos para serem utilizados em sala de aula, nas capas de prova, nas datas comemorativas, como no dia do índio, na páscoa, dia das mães, etc. [...] neste cenário, fica mais evidente a necessidade de intervenção na formação dos novos educadores, responsáveis por desenvolver visões e práticas educativas criadoras e transformadoras.(GOLDBERG, OLINDA E BEZERRA (2012, P. 14)

A maioria dos estudantes mostravam imagens de desenhos copiados da internet, mostrando que o desenho a pintura não tinham valor em si mesmos, que não mereciam ser guardados como formas de registros. O desenho é a primeira expressão da criança, sobre isso Bessa (1969), afirma que:

No processo de criação a criança pesquisa a própria emoção liberta-se da tensão, ajusta-se; observa o mundo que a rodeia, desenvolve percepções e imaginação, adapta-se; organiza pensamentos, sentimentos, sensações e forma hábitos de trabalho, educa-se (BESSA, 1969, p.11).

Entende-se que por meio da arte a criança desenvolve sua personalidade em conjunto com sua habilidade manual, sensibilidade e aprendizagem. As primeiras produções das crianças são denominadas de grafismos, que consistem em uma expressão natural. De acordo com Ferreira (2008), “o desenvolvimento gráfico infantil está ligado ao desenvolvimento físico, social, intelectual e afetivo-emocional da criança, ou seja, apesar de haver crianças com a mesma idade as produções podem possuir traços diferentes, pois variam de acordo com as vivências e os estímulos.” O desenho não é uma mera atividade, ou uma arte abstrata para a criança, mas o primeiro contato da criança consigo mesma e com o mundo.

Analisando as linha do tempo é perceptível que o ensino de arte na educação infantil e fundamental eram precários, paralisados, massificados e a maioria dos estudantes iriam encontra-se com a arte somente na educação fundamental II, ou no ensino médio, ou na universidade, ou em cursos de arte e por fim, instituições de caráter religioso (igrejas). Mostrando assim que a arte é encontrada em muitos lugares extra-escolares, mas que na instituição de ensino que tem por excelência o dever de ensinar um ensino de qualidade, esta falha, é atrasada, é “embrutecida”, não reconhece e não faz questão de mudar a sua prática.

O acompanhamento das apresentações da atividade Linha do Tempo tinha como objetivo identificar dados referentes à metodologia empregada, identificar as principais atividades artísticas vivenciadas pelos estudantes, identificar as instâncias influenciadoras e castradoras do ensino de arte na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

5.2. As análises das atividades de arte da micro linha do tempo (dos estudantes) com a macro Linha do Tempo da História do Ensino da Arte no Brasil

O ensino de arte narrados pelos estudantes de pedagogia carregam muitas raízes e concepções de arte desde a chegada dos jesuítas. A primeira concepção era de uma meritocracia para a arte, uma divisão, aqueles das classes mais altas tinha o “dom” e portanto mais acesso a arte e enquanto a classe mais baixa acreditava não possuir o “dom”, o que na verdade era o acesso a arte que era negado. A partir dessa visão a arte começou a ser tratada como um dom e não como uma técnica ou conhecimento para qualquer pessoa, sem méritos. Mas na comunidade escolar ainda ficou enraizado esse pensamento, desde os primórdios do nosso país. A maioria dos estudantes relatam como uma das suas angústias a repetida frase: “não sei desenhar” ou “eu não tenho o dom”, frases impregnada de um preconceito sobre quem tem direito e acesso a arte, somente os “escolhidos”, aqueles que possui o “dom”. Existe um grande muro do “Eu não sei” incomoda o estudante de uma forma tão perversa que ele(a) se sente incapaz de usufruir de sua criatividade para criar qualquer coisa que envolva as linguagens artísticas. Pois não se sente “agraciado” para tais práticas. E até hoje reproduzida essa idéia pela sociedade. Na disciplina de arte e educação há um grande diálogo sobre isso, os professores da disciplina têm uma visão de proporcionar aos estudantes atividades que possibilitem, num primeiro momento, a reflexão e desmistificação da idéia do dom.

Outra concepção de arte que é um resíduo das concepções pré-modernista é a imagem do belo, a noção de beleza trazida por alguém fora da cultura brasileira como a chegada da missão francesa e a noção de arte neoclassicista, um modelo pronto de beleza na arte, esse pensamento é muito forte com relação as artes visuais, os estudantes criam um ideal de beleza que imita a realidade e a partir daí dizem que essa é a única forma de beleza e rejeitam todas as outras (como a arte abstrata).

A partir das experiências formativas narradas pelos estudantes observamos outras atividades que são carregadas de concepções que existem a muito tempo, a presença de atividades que vem do pensamento Modernista que caracteriza a arte como um mero lazer,

como auto-expressão e catarse e tira da arte toda forma própria desse conhecimento. Essa concepção esta por trás das atividades no ensino de arte como uma lazer, um “tapar buracos” dos horários vagos. Junto desse pensamento de “puro lazer” no ensino de arte é acompanhada de atividades de cunho tecnicista, ainda originadas de um “ensino de arte como atividade” (SILVA & ARAÚJO, 2007),

Resquício da Educação Artística, disciplina obrigatória inserida nos currículos formais do país pela LDB 5.692/71. Práticas de ensino marcadas por diferentes tratamentos conceituais didáticos e metodológicos, tais como: (1) pintura de capa de prova e desenho pedagógico; (2) uso de massa de modelar; (3) colagem com imagem e palito de picolé; (4) confecção de artesanato; (5) confecção de maquetes; (6) pintura com carimbo; (7) participação em eventos religiosos; (8) participação nas datas comemorativas: dia das mães, páscoa, festa junina sete de setembro, dentre outras. O que norteia essas práticas, o que há atrás de cada atividade existe, respectivamente, uma concepção de arte, o que nem sempre é explícita essas raízes, mas que teve sua origem ao longo da trajetória histórica da Arte-Educação no Brasil. São essas atividades tão escolares cristalizadas que os professores não conseguem sentir essas práticas tão antiga e reproduzem de geração em geração. E não percebe que estão apenas repassando informações que nada tem de educação, de construção para o ser humano. (2010, 12)

O desenho pedagógico e as capinhas de provas são atividades legitimada pela escola como sendo prática artística, quando na realidade resume em modelos prontos que priva a autonomia e criatividade e a liberdade da criança. Percebe-se que as atividades mais insistentes na escola, principalmente na educação infantil e séries iniciais, são concepções de denominação “educação artística”. Essa concepção está presente em todas as narrativas de vida e ainda vive nas práticas dos professores na atualidade. Práticas que perduram, que são ainda utilizadas sem a menor reflexão, sem perceber que é continuação do “não sei desenhar” e da negação e privação do que seja um ensino de qualidade para as crianças.

Pelas idades dos estudantes de pedagogia dessa pesquisa, percebe-se que os que nasceram primeiro em 1968 a os mais novos 1995, relatam o mesmo tipo de atividade. Fazendo uma leitura diante dessa realidade, é triste e angustiante perceber que essas práticas se perpetuaram. As linhas do tempo nos mostram que desde da década de 1960 à década de 1990 (3 décadas) que existem as mesmas práticas, os mesmos pensamentos as mesmas falas, até mesmo, as mesmas figuras dos desenhos prontos, os mesmos discursos, as mesmas comparações de desenhos e com isso a mesmas comparação de pessoas.

Estamos ainda parados e enraizados no século XIV ou XX e nas suas concepções e visões de mundo, sem perceber os grandes problemas deixados por tais modelos de educação. Sem perceber os erros, as privações, a negação da criatividade e liberdade artística, a negação da existência de seus conhecimentos. A instituição de ensino se não mudar sua forma de ver a

criança, a história e o mundo que o cerca, vai seguir a diante com as mesmas práticas, com seus pensamentos castradores, com a mesma ideologia da técnica e do mérito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória de desenvolvimento da pesquisa, buscou-se identificar primeiramente, as concepções, metodologias em geral do ensino de arte vigente na história do Brasil. Depois, identificar nas Linhas do Tempo - metodologia empregada na disciplina de Arte-Educação, para a formação do licenciando em Pedagogia – a identificação das atividades de arte, segundo os seus relatos, na educação infantil e os nos anos iniciais do ensino fundamental para em seguida compreender as raízes que sustentaram essas práticas relatadas. Para tanto, retomaremos aos objetivos e perguntas norteadoras desta pesquisa pontuando uma síntese dos achados e o que esses dados nos levam a perceber.

Os dados explicitados nesta parte conclusiva da pesquisa foram adquiridos mediante ao acesso as linhas do tempo dos estudantes por intermédio da professora da disciplina Arte-Educação, portanto, análise documental.

De início, apresentamos uma análise geral sobre o ensino de arte, uma macro linha do tempo sobre o ensino de arte. Usando as abordagens e grandes reflexões de Ana Mae Barbosa, Silva Melquíades, Ferraz e Fusari que muito contribuíram para o conhecimento da trajetória desse ensino. Juntamente com os autores fez-se uma análise sobre o ensino de arte, que se iniciou de uma forma informal, mas que depois se formalizou na legislação nas leis educacionais. Percorrendo as principais idéias e ideais com que a arte foi sendo levada para a sociedade pela escola. Essa análise visa com que o professor possa ter uma visão proporcionar aos estudantes uma reflexão que perpassa o reconhecimento da importância e função da arte para a educação e desmistificação de conceitos construídos historicamente.

As linhas do tempo apontaram as experiências em arte durante o caminho escolar que nos fizeram reconhecer, relembrar, classificar, reconhecer as tendências e concepções de arte relatados no histórico ensino de arte, considerando as mudanças em cada época percorrida. Neste trabalho procurou se notar a transição desses trajetos, ONTEM-HOJE, a partir de uma visão geral, perceber o que ficou e o que não ficou no ensino de arte na atualidade.

Nesse sentido, foi válida a idéia de fazermos uma leitura da atividade da linha do tempo considerando o direito ao estudante o direito de se situar na história, o que sustentou as práticas do ensino de arte que teve durante o seu percurso escolar. Para assim, a partir da identificação de indicadores históricos que passamos a perceber que a arte é algo extremamente importante para a escola, para a criança e para o pedagogo. A Faculdade de Educação (FACED) tem ganhado novas dimensões no que se refere à formação do Pedagogo

e espaços dedicados à arte, quebrando esse ciclo vicioso que concebe a arte como técnica e atividade. Fazendo perceber que o mais importante para sua formação é o reconhecimento da arte enquanto conhecimento.

As apresentações das linhas do tempo dos estudantes relatam que inicialmente há a angústia e desafios de mergulharem em suas histórias, ir atrás de registros, fotos, fatos, eventos e escolha do formato de apresentação, mas reconhecem que durante esse processo de descobertas sobre sua própria existência dá sentido a atividade, tem pois proporciona aos estudantes a compreensão e reflexão do percurso histórico da Arte-Educação a partir da trajetória individual e coletiva com a arte. Permitindo com que os estudantes se sintam inseridos na história, dentro de um contexto com seus acontecimentos e causas.

Por esse trabalho percebe-se o quanto o ensino de arte foi utilizado para outras finalidades, o quando o ensino que tivemos foi tecnicista, massificado, cristalizado, suas concepções geraram inúmeras feridas crônicas na comunidade escolar. As angustias são muitas, mas diante do reconhecimento das falhas, dos fracassos recebidos da escola pode-se haver uma ruptura radical com as concepções que levaram a banalização da arte na escola.

Através das linhas do tempo, os estudantes encontram-se com seus fracassos escolares no ensino de arte e através de uma mudança de visão de mundo transformarão as suas práticas como futuros docentes. O docente em formação é a esperança da transformação da sociedade e da escola. É bastante recompensador perceber as falas dos estudantes quando falam que a partir da atividade da linha do tempo desenvolveram um olhar crítico, sensível para a forma como a escola concebe arte. Não tratando simplesmente de localizar e julgar os equívocos cometidos pelo professor, mas perceber que muitas dessas práticas estereotipadas têm origens históricas. E que como docente tem o poder de ser protagonista de uma nova história com a Arte e Educação.

A idéia da atividade Linha do Tempo tem um grande impacto na formação dos estudantes em razão da sua constituição metodológica, que valoriza a narrativa de vida. Estes reconhecem o valor da troca de experiência entre os colegas também em formação e aos poucos se transformam em saberes, em resgate de vivências, uma evolução pessoal e profissional.

Portanto, após escrever cada um destes capítulos foi possível confirmar a relevância do ensino da arte e refletir sobre o meu papel como educadora, o qual pretendo utilizar todas as minhas aprendizagens obtidas durante a minha formação para melhor contribuir no desenvolvimento dos meus futuros alunos. Desejo e espero que esta monografia sirva como

base para outros trabalhos na área da educação e que as observações, relatos e olhares sobre o ensino e a importância da Arte sejam relevantes para a formação dos educandos.

7. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARROSO, M. M.; BORGES, R. M. A.; SILVA, H. C. **Arte sem graça**. Coletânea Amae Arte e Movimento. Belo Horizonte, Edição Especial, p. 16-19, jun. 1996.

BESSA, Mahylda. **Artes plásticas entre as crianças**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1991.

EISNER, E. *The arts the creation of mind*. New Haven: Yale University Press, 2002.

FERREIRA, Aurora. **A criança e arte: o dia-a-dia na sala de aula**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

FRANCO, Maria Laura. **Análise de Conteúdo**. Brasília. 3ªed: Liber Livro Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUSARI, Maria f, de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa C.de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

GOLDBERG, Luciane Germano & SALMITO, Ricardo. **Processos criativos em artes visuais: as experiências formativas de licenciandos da educação básica na ufc. II** Diálogos Internacionais em Artes Visuais. Recife, 2013. Anais. UFPE – PE

GOLDBERG, Luciane Germano, OLINDA, Ercília Maria Braga de, BEZERRA, Larissa Rogério. **Narrativas de experiências formativas em arte: a linha do tempo de estudantes universitários**. Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica - CIPA. V. Porto

Alegre, 2012. Anais. PUC - São Leopoldo: Casa Leiria, 2012.

GOLDBERG, Luciane Germano & BEZERRA, Larissa Rogério. **Linha do tempo: Narrativas de vida e experiências formativas em arte.** In: Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil - Arte/Educação: Corpos em Trânsito, XXII, São Paulo, 2012. Anais. São Paulo: Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista.

HERNÁNDEZ, Fernando, TOURINHO, Irene & MARTINS, Raimundo. **Aprender história do ensino de arte através da realização de histórias de vida.** Revista UFG- Universidade Federal de Goiás - Dezembro 2006, ano VIII, no 2. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006/

LOWENFELD, Viktor e BRITTAIN, Viktor. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

OSTROWER, Fayga. **Universo da arte.** Rio de Janeiro: Campus, 1983.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** São Paulo: Hucitec, 2004.

_____, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 31.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

NÓVOA, Antonio (Org). **Vidas de professores.** 2. ed. PortoCodex: Porto Editora, 1992.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas de estética.** Trad. Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PAULA, Daniele Facundo de. **Alfabetização estética : o aluno do curso de pedagogia da UFC e as possibilidades da arte na sua formação como educador.** 2010. 95 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2010.

PONTES, João Pedro (2006). **Estudos de caso em educação matemática. Bolema 25, 105-132, este artigo e uma versão revista e atualizada de um artigo anterior: Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. Quadrante, 3(1), pp3-18.** (republicado com autorização)

SILVA, Everson Melquiades Araújo e ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da arte/educação.**

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: para além da ‘teoria da curvatura da vara.** Ande, São Paulo, MEC, ano 1, n. 3, 1982.

VARELA, N. de A. **A formação do Arte-Educador no Brasil.** In: BARBOSA, A, M. (Org). História da Arte- Educação. São Paulo: Max Limondad, 1986.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

PESSOA, Jadir de Moraes. **TV ESCOLA/ SALTO PARA O FUTURO.** Secretaria de educação a distância. 2007.

RABELO, jackline. **Ensino de arte e educação, coleção para professores nas séries iniciais.** Editora Brasil tropical. 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Bibliotecas da UFC.** Disponível em: <http://www.biblioteca.ufc.br/index.php?option=com_content&task=section&id=29&Itemid=55>. Acesso em: 18 maio 2011.

8. APÊNDICES:

Apresentação das atividades de artes da linha do tempo: (2013.1)

1. 30 anos (1984) – apresentação em Power point
 “pintar, cantar e dançar nem pensar”
 - **Educação infantil:**
 - Apresentação em festa junina;
 - Desfile na escola, 7 setembro.

2. 21 anos (1993) – apresentação power point (imagens pessoais)
 - **Ensino infantil:**
 - Primeiro contato com a arte: festa da páscoa vestida de coelho;
 - Festa do dia das mães dançando a música “florentina”;
 - Se apresentou em festa junina;
 - desfilou no dia da lei áurea, com vestidos a caráter;
 - No natal foi vestida de Maria mãe de Jesus;
 - desfilou em 7 de setembro como princesa Isabel;
 - se caracterizou como fada na festa do ABC.

 - **Ensino fundamental:**
 - Apresentação nas festas juninas;
 - Se caracterizou como branca de neve no dia das crianças;
 - Se caracterizou no natal.

3. 21 anos (1993) – apresentação em vídeo e com áudio de autoria própria.
 - **Educação infantil:**
 - Atividade na páscoa, vestida de coelho;
 - Participou das quadrilhas nas festas juninas.

- **Ensino fundamental:**
 - Participou das quadrilhas nas festas juninas;
 - Participando de alguma celebração religiosa vestida de anjo.
4. 32 anos (1982) -apresentação por Power point (fotos da internet e pessoais)
- **Ensino fundamental:**
 - Apresentação em festa junina;
 - Foto com caneta na mão, bandeira atrás, mostrando que já esta alfabetizada;
 - Relata que usava tinta guache na escola.
5. 22 anos (1992) – apresentação em vídeo
Começou a dançar na igreja. “continuo a arte de ser eu”.
- **Educação infantil:**
 - Pintava e desenhava (para lembrar essa experiência utilizou a imagem de uma impressão de mão com tinta no papel);
 - Gostava de massinha de modelar;
 - Apresentação e festa junina.
 - Ensino fundamental:
 - Apresentação e festa junina;
 - Fez um cartão em forma de gravata no dia dos pais.
6. 22 anos (1992) apresentação power point – simples, fotos totalmente da internet
“Não gostava de muita coisa relacionado a arte”
- **Educação infantil:**
 - Pintava as capinhas de provas (desenhos prontos) e detestava, pois borrava o desenho e não tinha direito a outra folha;
 - Nunca participou de festas juninas;
 - So participou de uma peça pra defender a escola numa gincana;
 - Não sabe tocar nenhum documento;

- Encontrou a arte depois de adulto na fotografia apresentada pelo tio. É um fotografo.

7. 19 anos (1995) – apresentação em Power point

“meus primeiros contatos com a arte foi igual ao da maioria”

- **Educação infantil**

- Na festa da páscoa com um ovo de páscoa e uma orelhinha de coelho;
- Um papel na cabeça no dia do índio;
- Participou das festas de são João.

8. 20 anos (1994) - apresentação Power point (Nascida no Pará)

“Detestava a professora de artes”, “Não gostava dos meus desenhos”

- **Educação infantil:**

- Colocava orelhas de coelho na páscoa;
- Colar algodão na barba do papai Noel;
- Copiar o desenho de alguém.

9. 39 anos (1975) -apresentação Power point

- **Educação infantil:**

-Capas de provas de datas comemorativas como natal e páscoa.

- **Ensino fundamental:**

- Na 6ª série o professor de artes propôs pintar os muros da escola;
- No 8ª ano pintou em telas, fez um pouco de artesanato.

10. 19 anos (1995) – apresentação power point

- **Ensino infantil:**

- Fazia parte de apresentações teatrais como vaquinha no natal, noivinha no são João, narizinho no sitio do pica-pau-amarelo e como Maria no Natal.

- **Ensino fundamental:**

Acesso a artes plásticas aos 13 anos em cursos e depois a arte na Igreja

11. 20 anos (1994) - Apresentação conta a sua historia feita com uma animação gráfica digital feito por ela mesma e também narrada por ela.

- **Educação infantil:** (passou a infância no interior do ceará)
 - Pintura do rosto de palhaço;
 - Também usava as orelhas de coelhinho na páscoa;
 - Participou das festas juninas;
- **Ensino fundamental:**
(Não deixou claro as atividades artísticas na escola no ensino fundamental)

12. 21 anos (1993) apresentação por vídeo com imagens da internet:

“Na fase dos 11 aos 14 desapareceu a arte da minha vida, foi um período sem cor”(Voltou a dançar na Igreja)

- **Educação infantil**
 - Utilizou impressão de mão em papeis
 - “os professore sempre falavam aos meus pais que eu amava essas atividades...” (pintar e desenhar)
 - Utilizava giz de cera, tinta, lápis de cor
 - Gostava muito de dançar, esperava as datas comemorativas para poder dançar como dia das mães e festa junina à alegrava (ate os 10 anos amava, com o passar do tempo foi adormecendo)

13. 20 anos (1994) – apresentação em vídeo – imagens da internet e fotos pessoais

- **Educação infantil:**
 - Comemoração da páscoa, vestida de coelhinho
 - Capinha de prova com desenho pronto
- **Ensino fundamental:**
 - Apresentação em festas juninas
 - Atividade de arte no dia do índio, vestida de índio

14. 33 anos (1981)

“Fazendo arte na escola como a maioria das pessoas”

E a imagem impressões de mãos pintadas

- **Educação infantil:** (sem registros)
- **Ensino fundamental :**
 - Apresentação de dança
 - Marcha 7 setembro
 - Apresentação em festa junina
 - Dança de ABC

15. 3 anos (1982) – apresentação por vídeo

(para se referir ao que fazia de arte na educação infantil ele usou imagens da internet)

- **Educação infantil:**
 - Pintava com tintas
 - Fazia aquela pintura com as mãos
- **Ensino fundamental:**
 - Fazia bonecos com garrafas pet
 - Brincava com massinha
 - Colocava algodão na barba do papai Noel
 - Fazia caixinhas com palito de picolé
 - Usava tinta guache
 - dançava são João

(artes de todas as maneiras na vida adulta)

16. 21 anos (1993) – apresentação em vídeo com fotos pessoais (dela):

“Fiz karatê, karatê é uma super arte”

- **Ensino infantil:**
 - Participação no são João

- **Ensino fundamental:**

- Pintura em mosaico
- Interpretou alguns personagens em peças teatrais
- Participação como ‘anjinho’ em festas religiosas

17. 46 anos (1968) – apresentação com Power point - usa imagens de artista famosos quando narra sua historia.Nascida em Mossoró, RN.

“A arte na escola se deu de forma mágica, eu sonhava, fantasiava e criava.Tive o encontro com as possibilidades, as cores, as formas e as sensações. Adorava desenhar, pintar, fazer trabalhos manuais e colagens. Passei a colecionar selos, porque me apaixonei por imagens”

- **Ensino fundamental:**

- Desfile no 7 setembro
- Fez faculdade de desenho industrial

Apresentação das atividades da linha do tempo: (2013.2)

1. 25 anos (1989) – apresentação em power point, Usa imagens da internet e fotos pessoais atuais e antigas. Hoje, atua como professora da educação infantil.

- **Educação infantil:**

- Apresentação de teatro com tema religioso (arca de Noé)
- Apresentação de dança vestida como coelhinho da páscoa.
- Peça teatral para o dia das mães

- **Ensino fundamental:**

- Dança no ABC

Obs: a estudante, pela linha do tempo, mostrou suas experiências artísticas fora da escola.

2. 37 anos (1977) – Apresentação em power point, Usa imagens da internet e fotos pessoais somente atuais. Em sua apresentação não mostra fotos sobre o ensino de arte

na escola, somente fotos da sua filha pintando, desenhando. Sujeito da pesquisa não fala sobre si.

3. 25 anos (1989) –

- **Educação infantil**
 - Praticou ballet
 - Desfile de moda

4. 21 anos (1992) – apresentação Power point

- **Educação infantil:**
 - Apresentação em festas junina
- **Ensino fundamental:**
 - Festa do ABC
 - Atividade de arte fazendo maquetes e cartazes
 - Desfile 7 de setembro
 - Dança country
 - Dança da feira cultural

5. 38 anos (1976) – apresentação em Power point

- **Educação infantil**
 - Apresentação como anjinho em datas comemorativas religiosas
 - Apresentação em festa junina

6. 20 anos (1994) – apresentação em vídeo

- **Educação infantil:**
 - Desenho livre
 - Apresentação de São João
 - Desenho pronto
- **Ensino fundamental**
 - Desfile de princesa e rainha
 - Participou de um concurso nacional de artes plástica com o desenho de pontilhados

7. 23 anos (1990) – apresentação Power point

- **Educação infantil:**
 - Pintura no rosto em data comemorativa
 - Apresentação em festa junina
 - Apresentações teatrais nas datas religiosas:
- **ensino fundamental:**
 - Desfile de modelos
 - Marchado dia 7 de setembro

8. 23 anos: (1990) – apresentação em Power point, Imagens da internet.

- **Educação infantil :**
 - Desenhos prontos
 - Desenhos prontos para a colagem de pedacinhos de papel.
 - Desenhos feitos á lápis de cor
- **Ensino fundamental:**
 - Dança de outras culturas (feiras culturais)
 - Participação em coral
 - Apresentações teatrais (feiras culturais)

9. 23 anos (1990) – apresentação em Power point

- **Educação infantil:**
 - Festa no ABC
 - Vestido de coelho na páscoa
 - Vestido de papai Noel
 - Vestido de soldado no dia 7 de setembro

10. 34 anos (1980)- apresentação em Power point

(apresentação não constava nada de arte)

11. 25 anos (1988) apresentação em vídeo

- Educação infantil:

- Aula de violino
 - Aula de violoncelo
 - Flauta doce
 - Ensino fundamental
 - desenho geométricos
12. 26 anos (1988) – apresentação por vídeo e com áudio próprio do aluno narrando a sua historia.
- **Educação infantil e fundamental:**
 - a tia era da escola, então tinha acesso a material lápis de cor, tinta...
 - participava do desfile de 7 de setembro de soldado, marinheiro...
 - participou de festas juninas
 - participou vestido de índio no dia do índio
 - pintava o rosto e usava orelha de coelho na páscoa
 - como a tia trabalhava na escola, ele ajudava nas decorações da escola. Aprendeu a mexer com balões...
13. 28 anos (1985) – apresentação em Power point
(não menciona sobre a arte na escola)
14. 24 anos (1989) - apresentação Power point
- **Educação infantil**
 - desenho e massinha de modelar
 - apresentação em festa junina
 - dança como o balet
 - apresentação teatral
 - **Ensino fundamental:**
 - apresentação em festa junina
15. 23 anos (1990)
- **Educação infantil:**
 - pinturas em CDs
 - pintura das mãos

- atividade com papel repicado
- apresentação de dança para o dia das mães

- **Ensino fundamental:**
 - apresentação em festa junina

16. 25 anos (1988) - apresentação em Power point

- **Educação infantil**
 - apresentação em festa junina
 - arte com isopor
 - fazia balé
- **Ensino fundamental:**
 - dança como “rainha do milho”
 - desfile na data de 7 de setembro

17. 40 anos (1974) - apresentação em vídeo

- **Educação infantil:**
 - desenho da casinha e da árvore
 - apresentações teatrais em datas comemorativas
 - festa junina
 - apresentação como anjinhos em eventos religiosos
- **Ensino fundamental:**
 - criação de maquetes em feiras

18. 23 anos (1990) – apresentação em vídeo

- **Educação infantil**
 - desenhos prontos para o recorte
 - ligar os pontos do desenho pronto
 - dançava no natal vestida de papai Noel
 - dançava a dança da peneira
 - se apresentava no São João

- **Ensino fundamental:**

- apresentação no São João
- fazia atividade de imitação de artistas como fez da apresentadora Eliana

19. 23 anos (1990) – apresentação em Power point
(fotos da internet e fotos pessoais)

- **Educação infantil:**

- arte com massinhas de modelar
- festa da Páscoa (vestida de coelhinha)
- vestida com roupa caipira para a festa junina
- festa dia das crianças

- **Ensino fundamental:**

- desfile de moda

20. 27 anos (1987) – apresentação em Power point

- **Ensino Fundamental:**

- Festa do ABC
- apresentação com música. Dublar alguns cantores.
- apresentação nas festas juninas

21. 28 anos (1986) – apresentação por fotos da internet e pessoais

- **Educação infantil**

- apresentação para a festa junina
- apresentação para o dia do índio

22. 46 anos (1968)

(Afirma não existir na época a disciplina de artes. Estudou em Escola polivalente.)

- **Ensino fundamental:**

- pinturas com carimbos

23. 22 anos (1991)

(Não encontrei arte na escola)

24. 21 anos (1992) – apresentação em Power point

- **Ensino infantil**

- apresentação em festa junina

4.4.Linha do tempo histórica, um estudo comparativo das atividades artísticas escolares entre jovens (adolescentes) e adultos.